

ADVENTISTA



As
Estrelas
Voltarão a
Cair?

Esperança
Cristã
Perante a
Morte

O Perigo de Objectivos Mesquinhos



Há alguns anos os cabeçalhos dos jornais noticiaram a história das baleias que davam caça a sardinhas e que ao fazê-lo deslizando para águas rasas, traçaram o seu próprio fim.

A notícia vinha de Tóquio, e o cenário tinha sido uma baía pouco profunda na ilha de Kyushu, e que pertence ao arquipélago do Japão. Trezentos desses enormes habitantes dos mares ficaram de tal maneira envolvidos e entusiasmados ao perseguirem

as sardinhas para comer, que se viram repentinamente presas nas areias das praias que circundam a baía, que se tornou assim o local da sua morte.

Os pequenos peixes atraíram para a morte os gigantes dos mares. E estes tiveram morte inglória, devido ao facto de correrem atrás de objectivos triviais e dissiparem enormes energias na ânsia de atingirem alvos insignificantes.

A lição que podemos tirar da história das baleias e das sardinhas é evidente.

Podemos constatar que criaturas poderosas morrem porque a sua insistência em atingir coisas sem importância as levam a baixios fatais. Coisas minúsculas podem destruir seres colossais.

Vivemos numa época em que as capacidades inventiva e de realização nos enchem e envolvem a vida de facilidades.

A tragédia advém quando deixamos que ninharias nos atraiam de tal maneira que acabemos por nos desviar das profundezas que deveriam, sempre, servir de orientação para a nossa vida.

Estaremos “nadando” atrás de alguma “sardinha” que nos está a levar para a morte sem que nos apercebamos disso?

Se Aquele que nesta Terra enunciou verdades imortais através de imagens simples baseadas em acontecimentos do dia a dia andasse, hoje, pelos caminhos da nossa vida moderna, será que não nos segredaria agora dizendo: “aprendei, pois, a parábola das baleias e das sardinhas”?

Adaptado





Baladas do Evangelho

As baladas que os Evangelhos cantam,
São tão suaves como a fresca brisa da manhã.
Entoam hinos de louvor
Agradecendo ao Criador
As dádivas da vida e do amor!
São fascínio e são ternura,
Cantam a paz de Jesus,
Que doce ventura!
Aos corações que são sensíveis
Os Evangelhos falam
Na beleza de um grande amor!
Sentimo-l'O quando em doce enlevo
Os nossos olhos estão a contemplar
As maravilhas do grande Universo
Que a mão de Deus todo-poderoso fez
Para deleite e paz das nossas almas
E nos concedeu com todo o Seu amor!

Carmen Sala

Revista ADVENTISTA

ÍNDICE

5 A Iminência do Fim

Deus, amavelmente, nos envia sinais indicadores da proximidade desse grande dia, de condenação para os ímpios e de salvação para os justos.

6 As Estrelas Voltarão a Cair?

Os sinais da segunda vinda de Jesus são claros e abundantes e as repetidas quedas de estrelas servem-nos para recordar o nosso rico legado adventista e a nossa bendita esperança...

12 Entrevista a Raoul Dederen

Nós somos a única Igreja protestante organizada a nível mundial.


16 "Tenho muito povo nesta cidade!"

Cristo mostrou-nos que em Guimarães existem muitas pessoas ávidas da verdade eterna.

21 Esperança Cristã Perante a Morte

Qual é a vantagem da esperança do crente? É que ela abre as portas do além, iluminando as insondáveis trevas da morte com a certeza da ressurreição e a existência de uma vida melhor.

BUSINESS IS BIG
NEWBOLD COLLEGE, ENGLAND



NEW BUSINESS DEGREE
BS in Business Administration
(emphasis in Accounting or Management) through
Columbia Union College, USA

STARTS SEPTEMBER 1998
Terms: 21 September - 3rd December 1998
4 January - 12 March 1999
6 April - 13 June 1999
27 September - 9 December 1999
You can start the degree at the beginning of any term

Apply Today. Write: Admissions Office, Newbold College, Bracknell,
Berkshire, RG42 4AN, England • e-mail: admissions@newbold.co.uk
• Tel: +44 1344 454607 • Fax: +44 1344 861692

COME TO NEWBOLD



Cursos de Língua Inglesa
Cursos de Verão
25 de Junho - 22 de Julho de 1998
Período do Outono
21 de Setembro - 3 de Dezembro
de 1998
Período do Inverno
4 de Janeiro - 12 de Março de 1999
Período da Primavera
6 de Abril - 13 de Junho de 1999

Vem a Newbold

Se estiver interessado escreva para: Director
of Admissions, ATTN.SOE98/99, Newbold
College, Bracknell, Berks RG42 4NA,
England
Tel: +44 1344 454607 Fax: +44 861692
email: admissions@newbold.co.uk

Revista ADVENTISTA

"Eis que cedo venho"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-LO melhor e manter a esperança da Sua breve volta.

A Revista Adventista (ISSN 0873-9005), Órgão da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal, é publicada mensalmente pela União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia desde 1940 e editada pela Publicadora Atlântico, S.A.

Director: Mário Brito

Coordenador Editorial: Eduardo Graça

Chefe de Redacção: Maria Augusta Lopes

Colaboradores de Redacção: Ernesto Ferreira, Ezequiel Quintino e Maria Antónia Fonseca Santos

Programação Visual: Eunice Ferreira

Diagramação: Raquel Monteiro

Ilustradoras: Eunice Ferreira, Marta Rodrigues, Sara Raposo e Ruth Varela

Colaboradores Especiais: José C. Costa, José Eduardo Teixeira, Paulo Mendes, Rogério Nóbrega.

São bem-vindos todos os manuscritos mesmo os não solicitados e cujo conteúdo esteja de acordo com a orientação editorial da revista. Todos os artigos devem incluir o nome e morada do autor bem como o número de telefone e fax, se for o caso.

E-mail: Internet: patlantico@mail.telepac.pt; Compuserve 74532,2443.

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.
Sede: R. N.º 5ª da Piedade
Sabugo - 2715 Almagem do Bispo
Tel. (01) 9626200 - Fax (01) 9626201

Conselho de Administração:
Mário Brito, José Eduardo Teixeira e Paulo Mendes
Director: Joaquim Sabino

Controlo de Assinantes:

(Assinaturas, Facturação e Alteração de Moradas)

Responsável: Maria Rosa Silva Santos
R. N.º 5ª da Piedade
Sabugo - 2715 Almagem do Bispo
Tel. (01) 9626200 - Fax (01) 9626202

Expedição e Armazém:
R. N.º 5ª da Piedade
Sabugo - 2715 Almagem do Bispo
Tel. (01) 9626200 - Fax (01) 9626202

Fotolito: Departamento Criativo da Publicadora Atlântico
Impressão e Acabamento: Santos & Costa, Lda
Pedreiras - 2480 Porto de Mós
Tiragem: 2.000 exemplares
Depósito Legal N.º 1834/83

Preços:
Assinatura Anual 1.600\$00
Número Avulso 160\$00

ANO LVIII — N.º 618

NOVEMBRO 1998



IGREJA
ADVENTISTA
DO
SÉTIMO DIA



OPERAÇÃO INTERCESSÃO - 4º TRIMESTRE 1998

1. Missão Global
2. Pelo nosso Trabalho nos Territórios Trâns-Mediterrânicos
3. Pelas Campanhas NET'98

DIAS E OFERTAS ESPECIAIS DO MÊS DE NOVEMBRO

Dia dos T.D.C.S.	07
Dia da Temperança - <i>Oferta da Divisão</i>	21

DIAS E OFERTAS ESPECIAIS DO MÊS DE DEZEMBRO

Dia Mundial da Gestão Cristã da Vida	05
Oferta para a Revista Adventista - <i>Oferta da União</i>	12

ACTIVIDADES DO DEPARTAMENTO DE JOVENS NO MÊS DE NOVEMBRO

Estágio de Base Nível 1 - S. Mateus	20-22
-------------------------------------	-------

ACTIVIDADES DO DEPARTAMENTO DE JOVENS NO MÊS DE DEZEMBRO

Estágio de Base Nível 3 - 1ª Parte - Costa de Lavos	4-6
Estágio de Base Nível 3 - 2ª Parte - Costa de Lavos	11-13

PROGRAMA *A FÉ DOS HOMENS*

RTP2 – Dia 09 – 18 HORAS

COM AS NOSSAS DESCULPAS

No número de Outubro o artigo "O Vírus de Judas" saiu sem mencionar o autor que é: Lyndon K. McDowell, Pastor reformado

Residente em Scottsdale, Arizona, EUA.

Aqui fica a rectificação.

Endereços na Internet

Página da União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia
www.tagnet.org/portugal

Página dos Desbravadores
www.angelfire.com/ok/webnunes/desbravadores.html

Página da Mulher
www.angelfire.com/mi/damulher

Notícias da Conferência Geral
www.adventist.org

A Iminência do Fim

A queda das estrelas em Novembro de 1833 foi, para os adventistas de então, e continua a ser para os de hoje, um dos grandes sinais anunciadores da brevidade da vinda do Senhor.

Setenta e oito anos antes, em 1 de Novembro de 1755, a Europa, o Norte de África e uma vasta área do Atlântico norte, desde as Caraíbas até à Terra Nova, foram violentamente sacudidas por um terramoto cujo epicentro se situava em Lisboa. Entre estes dois acontecimentos ocorrera um terceiro em Maio de 1798 – o escurecimento do Sol e da Lua.

Estas três ocorrências não foram fenómenos desconhecidos da humanidade e assumiram proporções que no contexto de então produziram em crentes e descrentes, profunda reflexão. Para um bom número de pessoas não restavam dúvidas, estes eram sinais indicadores da vinda do dia do julgamento divino.

No artigo “Cairão as Estrelas de Novo?”, o autor procura mostrar-nos que o fenómeno que ocorreu na noite de 12 para 13 de Novembro de 1833 deve continuar a ser interpretado como um dos sinais da proximidade da vinda de Jesus.

Para além da interpretação deste sinal dentro da cronologia profética – um dos acontecimentos que teria lugar com a abertura do sexto selo (Apoc. 6:12,13) – seria edificante tirarmos mais algumas lições das advertências que Deus, na Sua infinita misericórdia, nos envia através dos sinais dos tempos.

Assim sendo, e das muitas lições que destes fenómenos podemos tirar, convindo-o, prezado leitor, a juntos reflectirmos sobre a precaridade da nossa vida, aqui, neste planeta chamado Terra.

Quando, pela primeira vez, na

Primavera de 1995, visitei os Açores fiquei impressionadíssimo ao constatar que as fontes térmicas de grande capacidade calorífica se mantinham activas ao longo de imemorráveis anos sem dar mostras de redução da sua actividade. Fontes em ebulição permanente que mantêm mornas as águas de certas áreas do mar e, que são utilizadas para cozinhar os alimentos ou então para produzir energia eléctrica através de uma central térmica.

Se essas águas, em diferentes locais, se mantinham quentes ao longo dos anos, tornou-se-me assustadoramente evidente que, mesmo ali, a alguns metros de profundidade, havia fogo que podia, de um momento para o outro, começar a arder descontroladamente, provocando terríveis explosões e dando origem a tremores de terra ou a fenómenos vulcânicos. Fogo mesmo ali, debaixo dos nossos pés! – concluí estarecido.

No artigo atrás referido, o autor diz-nos que as estrelas cadentes são pequenas pedras resultantes da combustão das caudas dos cometas, que se vão desagregando e disseminando ao longo da sua trajectória. Assim a Terra, no seu movimento de translação, intercepta a órbita descrita por esses cometas, chocando com esses corpúsculos que se incendeiam ao entrar na nossa atmosfera.

Por mais de uma vez, cientistas e astrónomos têm alertado o mundo para o perigo de a Terra colidir com outro corpo celeste.

Imaginemos, porém, se em vez de colidir com estes minúsculos e inofensivos corpúsculos, a Terra colidisse com um cometa, ou então fosse varrida pela sua ígnea cauda?

A Terra e os seus habitantes vivem sob a constante ameaça de

aniquilamento total. O perigo existe em potência, bastando que haja uma alteração das leis da física que fazem com que a vida seja possível. Mesmo por baixo dos nossos pés existe combustível suficiente para que, em caso de combustão descontrolada, toda a crosta terrestre se fenda e se transforme em rios de lava que na sua passagem submergem, implacáveis, qualquer obstáculo.

A Bíblia claramente nos diz que a Terra já uma vez foi destruída pelas águas do dilúvio. Nessa ocasião, não só houve uma precipitação anormal, como também a erupção de enormes quantidades de água providas do subsolo (Gén.7:11,12). Referindo-se a esse acontecimento, o apóstolo Pedro acrescenta: “Mas os céus e a terra que agora existem, pela mesma palavra se reservam como tesouro, e se guardam para o fogo...” (II Ped.3:7)

Fogo que virá de cima e fogo que brotará das profundezas da terra (II Ped. 3:10,12).

Deus, amavelmente, nos envia sinais indicadores da proximidade desse grande dia, de condenação para os ímpios e de salvação para os justos (Mal. 3:2; 4:1-3).

Que o Senhor nos ajude a ser sábios para que todas as advertências – os sinais dos tempos – nos levem a uma sincera e dedicada preparação para o grande dia da Sua volta.

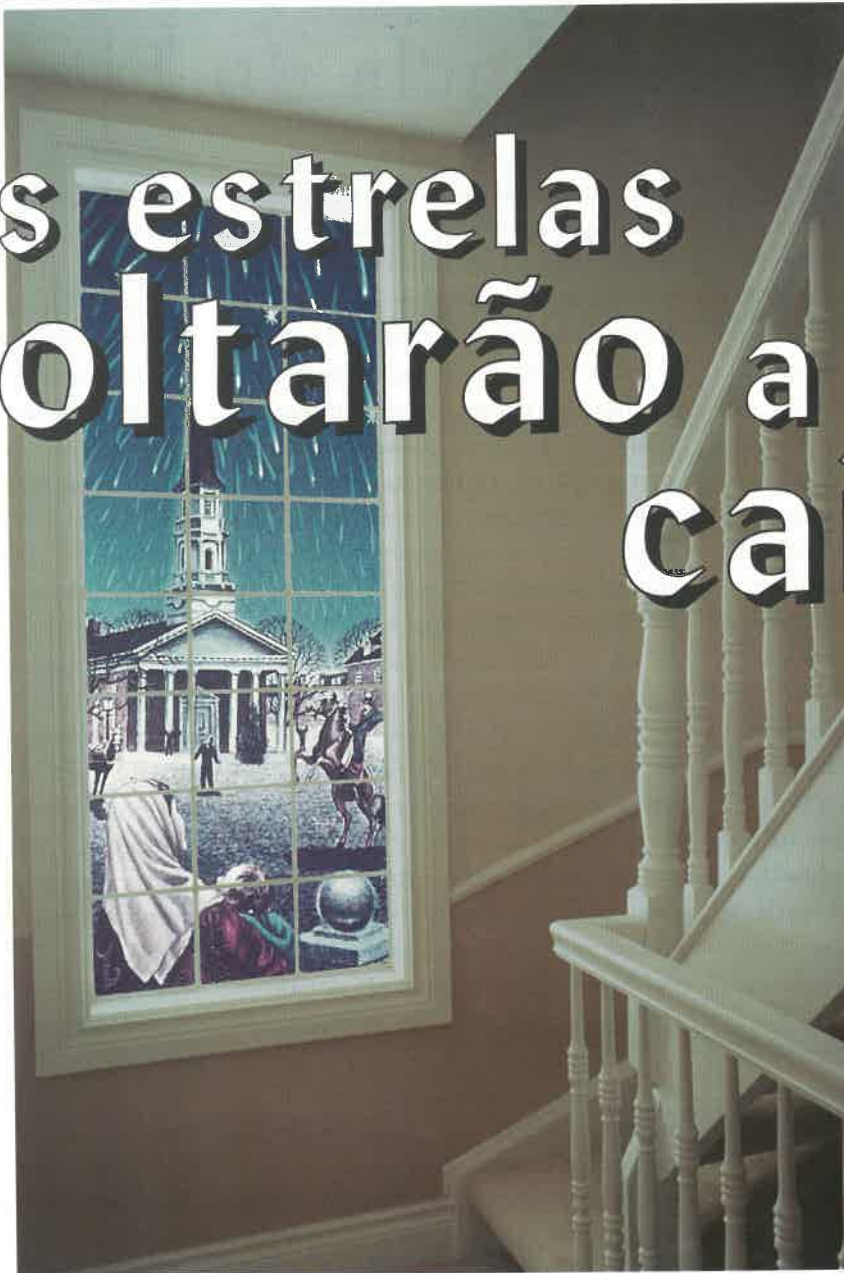
Ora vem Senhor Jesus!



Pr. Mário Brito
Presidente da União
Portuguesa dos
Adventistas do
Sétimo Dia

Mário Brito

As estrelas voltarão a cair?



MICKEY KUTZNER

A propósito de que se pode repetir uma queda de estrelas algo semelhante à de 1833.

Desde que no Monte das Oliveiras Jesus fizera a profecia sobre os dias em que o Sol a Lua não brilhariam e as estrelas cairiam dos céus (Mat. 24:29; Marc. 13:24,25; Luc. 21:25,26), os cristãos têm prestado especial atenção ao firmamento. Nós, Adventistas do Sétimo Dia em particular, temos mostrado um especial interesse nas quedas de estrelas cadentes, baseando-nos na indicação de Ellen White de que Jesus falava de sinais literais no céu e não da queda figurada de reinos terrestres, ou alusivas ao fim de uma época histórica. ⁽¹⁾

Apenas dois anos depois de Guilherme Miller ter iniciado o seu ministério público, na noite de 12 para 13 de Novembro de 1833, houve uma deslumbrante chuva de meteoros luminosos, sobre a maior parte da zona continental dos Estados Unidos. Em 1888 J. H. Waggoner, um fervoroso adventista, relatava o acontecimento:

“Foi um espectáculo inolvidável. Permanece ainda hoje tão vividamente gravado na minha memória, como um mês depois de ter acontecido (...) (As estrelas) desenhavam o seu caminho na abóbada celeste (...). Contá-las não teria sido mais fácil do que contar os flocos de neve que caem velozmente durante uma tempestade. Caíram sem interrupção e sem diminuir o número, até que o amanhecer do novo dia as eclipsou. Mas enquanto a luz crescente da aurora as ia ocultando em todas as direcções, um brilho espectacular deixava ver o seu rasto do lado oeste, mostrando assim que ainda continuavam a cair.”⁽²⁾

As estimativas sobre o número de estrelas que caíram não são seguras. Mas os observadores de maior confiança disseram que eram visíveis, pelo menos, entre 10.000 e 25.000 por hora. Algumas delas brilhavam tanto como a Lua cheia⁽³⁾

Aquela “tempestade de fogo” causou uma profunda impressão nas consciências do povo norte-americano. Segundo os jornais da época, quase todos os habitantes puderam contemplar esse extraordinário fenómeno. Muitos, incluindo a irmã White, consideraram-na como um dos sinais anunciadores da segunda vinda de Cristo e a pregação de Miller recebeu um impulso renovado.⁽⁴⁾

A comunidade científica da época emocionou-se. Apenas poucos anos antes daquele acontecimento, a maioria dos astrónomos acreditava que as estrelas cadentes (traços de luz observados durante um instante no céu) eram de origem terrestre, não



HALE-BOPP. Foto de Mickey Kutzner y Richard Dower

tendo qualquer conotação astronómica.

Em 1790, quando uma série de meteoritos (fragmentos interplanetários de rocha de tamanho e solidez suficientes para sobreviverem a uma turbulenta travessia da atmosfera terrestre) caíram em França e foram vistos por cerca de 300 pessoas, os cientistas não ligaram aos seus relatos, porque, segundo eles, tinham bases cientificamente impossíveis.⁽⁵⁾ Posteriormente as evidências acumuladas convenceram os astrónomos da origem extraterrestre dos meteoros.

“A Noite em que as Estrelas Caíram”

“Muitos milhares de estrelas estavam caindo ao mesmo tempo. O caminho permanecia constantemente iluminado, devido aos abundantes clarões. Pouco depois, um tipo diferente de meteoro pareceu ficar a envolver o céu, junto à estrela Polar. À primeira vista, o seu corpo fixo parecia ter o tamanho da Lua cheia (...) Passados dez minutos, ou mais, desapareceu da vista (...).

Enquanto (os observadores) estavam contemplando esta grande bola de fogo imóvel, um aerólito de um vermelho intenso precipitou-se no espaço a grande velocidade, voando, aparentemente, a pouca altura. Os cavalos assustaram-se e empinaram-se resfolegando diante da vista ou do ruído feito por este meteoro vermelho; e poucos segundos depois, ouviu-se um forte estrondo (...).

Nas quintas, a maior parte das pessoas estavam acordadas e foram às portas e às janelas apesar de já passar muito da meia-noite. “O mundo está a arder!” gritou um homem muito alterado.

Ouviam-se, vindas de uma das casas, vozes que cantavam um hino e noutra os moradores pareciam estar em oração. Noutra ainda, o lavrador estava na rua, tentando levar o seu rebanho de ovelhas para dentro do curral... como se tivesse receio de que os animais fossem atingidos pelas estrelas que caíam! Porém um pouco mais adiante, seis cavalos saltaram a vedação e relinchando de medo, perseguiram as ovelhas durante cerca de 2 kms.

Não se notava nenhuma diminuição nesta intensa chuva. Era como uma tempestade que nunca mais parava, com algum estrondo ocasional de trovões distantes e débeis sons de faíscas no ar, cada vez que os aerólitos maiores se precipitavam contra os estratos mais baixos da atmosfera.” (*The Youth Companion*, 18 de Abril de 1907)



Fig. 1 - Aspecto do lado oriental do céu no Hemisfério Norte aproximadamente às 3 horas da manhã a meio de Novembro. Se à primeira vista a constelação não lhe parece um leão, procure um ponto de interrogação invertido na zona de juba e da pata dianteira. O ponto radiante da chuva de estrelas está localizado nessa região.

A Explicação Científica

As observações relativas à espectacular chuva de estrelas de 1833 revelaram que os meteoros tinham sido projectados em todas as direcções, partindo de determinado ponto da constelação do Leão. Argumentou-se mais tarde que este foco radiante era na realidade uma ilusão de óptica dada a perspectiva geométrica, o que vem a dar no mesmo. Os milhões de corpos luminosos que caíram durante aquela chuva, na prática, estavam a mover-se em direcção paralela uns aos outros. Mas pareciam divergir de um ponto da Constelação do Leão, pela mesma razão que os carris paralelos do comboio parecem divergir de um mesmo ponto no horizonte. Os crentes do século XIX não deram demasiada importância a essa explicação científica. Thomas Nelson, superintendente de uma organização pentecostal declarou: "Se Ele (Deus) decide transmitir-nos as Suas mensagens através das leis naturais, anula isso o Seu carácter (divino)?"⁽⁶⁾

Urias Smith nem sequer se preocupava com a demonstração científica de que as chuvas de estrelas eram um fenómeno periódico e por isso afirmou: "O Salvador anunciou que as estrelas caíam dos céus como um sinal precursor da Sua segunda vinda. Ele não disse que tal sinal se limitaria a uma só exibição de queda de meteoros; e embora houvesse dezenas destas chuvas, se as mesmas tiverem lugar dentro da época predita para a aparição, devemos considerá-las como sinais e arautos do grande dia".⁽⁷⁾

Mais recentemente tem sido sugerido que tal sinal se repete com o objectivo de periodicamente nos recordar a proximidade do regresso de Jesus.⁽⁸⁾ A importância destas chuvas de meteoros para o pensamento adventista do passado e presente, foi discutida a fundo por Harold Wright num artigo da "Adventist Review"⁽⁹⁾. Wright destacava o dado importante de que a exibição de 1833 teve um significado adicional, por ter tido lugar num momento e num lugar em que uma comunidade de crentes se encontrava comprometida activamente numa meticulosa investigação da profecia bíblica, para a qual o fenómeno estelar foi um grande estímulo.

Única não, mas espectacular

Embora a tempestade de meteoros de 1833 figura como um dos factos mais memoráveis da história do Estados Unidos, e certamente na história adventista, se trata de um caso único. Se bem que seja verdade possível observar estrelas cadentes em qualquer noite de Lua, todos os Outonos, por volta do dia 17 ou 18 de Novembro, há uma pequena chuva de meteoros de cerca de 10 por hora, precedentes de um foco radiante situado na constelação do Leão (ver figura 1). Esta chuva e outras semelhantes (ver tabela 1) observam-se anualmente, em virtude de uma vez por ano a órbita terrestre atravessar as órbitas que seguem os fragmentos que os cometas deixam (ver figura 2). Os restos abandonados que



Fig.2 - Quando o gelo do cometa se evapora, libertam-se pequenos fragmentos de material meteórico, os quais se espalham ao longo da sua órbita. Uma vez por ano a Terra atravessa esta corrente de meteoros, dando lugar a uma "chuva de estrelas". Perto do cometa o material é mais denso, o que ocasiona por vezes espectaculares quedas de estrelas em cada órbita do cometa.

Tabela 1: As Mais Importantes Chuvas de Estrelas

Apresentamos aqui uma lista de importantes chuvas de meteoritos até ao fim deste ano, que ciclicamente se repetem sensivelmente nas mesmas datas. Ao longo de todo o ano, são cerca de 14. Os nomes estão de acordo com a constelação na qual se localiza o foco radiante. A chuva das Leónidas (Leão), normalmente não muito intensa, foi responsável pelos grandes espectáculos de 1799, 1833 e 1966

Nome do Enxame	Período de Visibilidade	Data de Actividade Máxima	Nº de Meteoros/h (Média)
Dracónidas (Dragão)	Outubro, 6-10	Outubro, 9	-
Oriónidas (Orion)	Outubro, 15-29	Outubro, 21	75
Leónidas (Leão)	Novembro, 14-20	Novembro, 17	45
Geminidas (Gémeos)	Dezembro, 6-19	Dezembro, 13	150
Úrsidas (Urso)	Dezembro, 17-24	Dezembro, 22	45

NOTA: Prevê-se que a queda de estrelas conhecidas por Leónidas, no próximo ano de 1999, seja muito semelhante à de 1833.

ficando depositados na órbita de um cometa, são compostos por pequenas pedras do tamanho de uma ervilha ou até mesmo mais pequenas. A vistosa cauda curva do cometa Hale-Bopp, que adornou os nossos céus em princípios de 1977, era formada pelos referidos elementos.

Estes materiais meteóricos penetram na parte superior da atmosfera (a cerca de 100 Km de altitude) a uma velocidade de 10 a 40 Km por segundo e, como acontece com uma nave espacial na viagem de regresso, inflamam-se por causa da fricção com as moléculas do ar que chocam com eles, vaporizando a sua superfície. A esteira do material meteórico vaporizado e do gás atmosférico produzem luz, causando o brilho que observamos. As estrelas cadentes constituídas pelos aludidos materiais parecem ter origem num mesmo ponto do firmamento, por ser essa a trajectória da sua viagem em direcção à Terra, nessa noite concreta. (Conduzir um carro no meio de uma chuvada produz um efeito semelhante.)

A chuva de 1833 foi particularmente abundante devido ao facto de a Terra ter atravessado um grande enxame de meteoritos que rodeavam o cometa P/Tempel-Tuttle, e que se moviam perto da mesma órbita que o das estrelas cadentes conhecidas como Leónidas. Da facto a Terra e esta densa nuvem de meteoritos encontram-se aproximadamente cada 33 anos, que é também o período do mencionado cometa. O rasto que os ciclos de 33 anos vai deixando das impressionantes exibições das estrelas Leónidas, pode ser seguido até há mil anos atrás, com manifestações especialmente espectaculares registadas nos anos 902, 967, 1037, 1202, 1366, 1533, 1799, 1833⁽¹⁰⁾ e mais recentemente em 1966.

Algumas informações referentes à chuva de 1966 assinalam que esta foi, pelo menos, tão intensa como a de 1833, mas só foi vista por uma pequena parte da popu-

lação. A chuva só foi visível no oeste dos Estados Unidos, onde o céu se encontrava mais limpo. Os observadores mais cautelosos calcularam num mínimo de 15.000 por hora, mas houve quem chegasse a adiantar o número de 150.000 por hora⁽¹¹⁾ Algumas pessoas que descreveram o fenómeno tiveram a impressão de que a Terra se estava a precipitar pelo espaço, naquela direcção.

Repetir-se-á o cumprimento?

Embora as predições que os astrónomos fazem a respeito destas chuvas de estrelas sejam um tanto imprevisíveis,⁽¹²⁾ os próximos anos oferecem-nos a possibilidade de testemunhar outra grande chuva das Leónidas. Em 1998 o cometa P/Tempel-Tuttle atinge o ponto máximo de aproximação em relação ao Sol e nesse momento inicia-se um novo ciclo. Se de acordo com os registos do passado, a melhor ocasião para que tenha lugar uma espectacular chuva de estrelas será exactamente nos anos anterior e posterior ao da passagem do cometa (1997 e 1999). (Na última queda de estrelas das Leónidas, o número não foi muito notável, mas as que foram visíveis tiveram um brilho invulgar e algumas delas foram visíveis durante mais de seis minutos).⁽¹³⁾

Dado que uma chuva de estrelas só é visível durante algumas horas, apenas será visível para os observadores numa parte do globo. Além disso, como é evidente, o céu nublado também impedirá a sua observação; acresce ainda que este ano a Lua estará perto da constelação do Leão nas noites previstas, o que reduzirá a visibilidade das estrelas. Contudo a probabilidade de um espectáculo semelhante à queda de estrelas de 1833 e 1966, será maior nas noites de 17 e 18 de Novembro, que restam até ao fim do século, esperando-se que isso aconteça em alguma destas noites.

Será interessante assinalar que, de acordo com os cálculos, no ano 2029, o cometa P/Témpel-Tuttle, no seu regresso ao interior do sistema solar, passará suficientemente perto do enorme planeta Júpiter para ser desviado da sua rota, o que terá como consequência aumentar a distância entre a órbita do planeta e a órbita terrestre. Isto significa que não haverá chuvas de estrelas das Leónidas no próximo século. ⁽¹⁴⁾

Os sinais da segunda vinda de Jesus são claros e abundantes e as repetidas quedas de estrelas servem-nos para recordar o nosso rico legado adventista e a nossa bendita esperança. Graças a Deus o movimento adventista tem amadurecido suficientemente para que uma grande chuva de estrelas (e um espectacular cometa) às portas do novo milénio, nos recordem que embora o fim esteja próximo não nos deve levar a marcar datas para o regresso de Jesus.

Regozijemo-nos nas promessas do nosso Salvador e mantenhamos os nossos olhares bem fixos no alto como Ele nos recomendou: "Ora quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima e levantai as vossas cabeças, porque a vossa redenção está próxima." (Luc. 21:28) ■

Referências

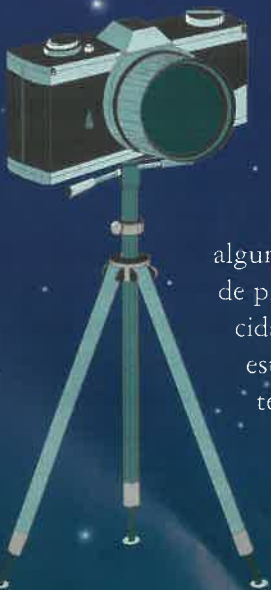
1. White, Ellen, "Primeiros Escritos", Casa Publicadora Brasileira, 1976, pág. 41.
2. J. H. Waggoner, "The Falling of the Stars" Signes of the Times, 13 de Abril de 1888, pág. 8.
3. D. Olmsted, "Observations on the Meteors of November 13, 1833" American Journal of Science 25:411 e 26:132-174.
4. E. Howell Cooper, "The Great Advent Movement", Washington, Pub. Assn., D. C. Review and Herald, 1935, pág. 14
5. D. K. Yeomans, "Comets: A Chronological History of Observation, Science, Myth, and Folklore", New York, John Wiley and Sons, Inc., 1991, pág. 189.
6. T. H. Nelson, "The Midnight Cry, or the Consumption of All Things", Indianápolis, Pentecost Band Pub. Co., 1896, pág. 62
7. Urias Smith, "The Stars Shall Fall From Heaven", Review and Herald, 25 de Dezembro de 1866, pág. 30
8. C. D. Anderson, na " Inquiry Regarding Meteoric Showers With Emphasis on the Shower of November 13, 1833: Their Cause, Extent and Effect", tese de Mestrado, Washington, D. C., Seminário Adventista do Sétimo Dia, 1957, pág. 66.
9. Harold Wright, "Falling Stars, Rising Hopes", Adventist Review, 24 de Novembro de 1983, pág. 4.
10. D. K. Yeomans, "Comet Tempel-Tuttle and the Leonid Meteor Shower of 1966", Icarus 47 (1981): 492-499.
11. D. Milon, citado na redacção de "Great Leonid Meteor Shower of 1966", Sky and Telescope. Janeiro, 1967, pág. 4.
12. J. Rao, "The Leonids: King of the Meteor Showers", Sky and Telescope, Novembro de 1995, pág. 31.
13. Redacção "A Bevy of Bright Leonids", Sky and Telescope, Março de 1997, pág. 115.
14. J. Rao, "The Leonids' Last Hurrah?" Sky and Telescope, Novembro de 1996, pág. 74.

*Mickey Kutzner,
Professor de física e astronomia na
Universidade de Andrews, (E.U.)*

Conselhos para os observadores do céu

À meia-noite, a Terra está orientada, em direcção ao céu, virada para o Este em ascensão. Esta é também a direcção do foco donde as estrelas cadentes parecem sair, pelo que não vale a pena esperar ver os meteoros, antes das duas ou três horas da manhã, que é a hora em que o dito foco atinge o ponto mais alto no lado oriental do céu. Em Novembro este local do céu corresponde à posição da constelação do Leão. Esta constelação tem a forma de uma foice ou de um ponto de interrogação invertido. Uma ou duas horas antes do amanhecer, o foco radiante situado nessa constelação deverá estar no alto do céu e as possibilidades para a observação das estrelas são as ideais. Levê consigo um amigo (para se conservar acordado), uma lanterna e um termo com alguma bebida quente. Vista roupa que o proteja do frio da noite e coloque uma cadeira, de preferência reclinável, num local em que veja a maior parte do céu e longe das luzes da cidade. Uns binóculos ou um telescópio não são de grande ajuda para a observação das estrelas cadentes mas, em todo o caso, observar o céu com eles tornará mais agradável o tempo de espera pelo começo do espectáculo.

Também se podem fotografar as estrelas cadentes com um filme tipo ASA 100 ou outro de maior sensibilidade. Para isso monte a sua máquina fotográfica sobre um tripé (ou no chão) com a objectiva apontada na direcção do Leão e deixe o obturador aberto durante alguns minutos.



Convenção Pastoral

O dicionário tem alguns significados interessantes para a palavra convenção:

1. Acordo entre partes interessadas.
2. O que está tacitamente convencionado nas relações sociais.

Creio que estas definições reflectem de uma forma correcta os grandes objectivos de uma convenção pastoral.

Em primeiro lugar persiste a grande necessidade da existência de um acordo no que concerne à nossa situação espiritual e em segundo lugar no que diz respeito à compreensão de alguns pontos doutrinários.

Quanto a estes dois pontos, creio que foram alcançados na recente convenção pastoral. Pela graça do Senhor, os pastores que tiveram a seu cargo as meditações canalizaram a nossa atenção para a urgência de um “acordo” profundo entre as partes interessadas “nós e o nosso Deus”.

No que concerne à compreensão de pontos doutrinários, vivemos algumas horas verdadeiramente sublimes com a explanação feita pelo Dr. Raoul Dederen quanto à “Natureza e Tentações de Jesus Cristo.”

Foi de tal maneira esclarecedor que sou levado a acreditar que, sobre este tema, depois de analisado, amadurecido e interiorizado por cada pastor individualmente, podemos falar a uma só voz.

Quanto ao segundo aspecto, é sempre reconfortante o encontro entre obreiros para, num ambiente de respeito mútuo, aprofundarmos a amizade e solidariedade em Jesus. Foram bons os momentos de oração em grupos, onde pudemos sentir a presença do Espírito Santo. Louvamos a Deus pelo que foi feito e pelo que querer que Ele opera em nós, de melhorar cada vez mais as nossas convenções.

Um palavra de agradecimento também às esposas dos pastores presentes. Foi muito bom ver o seu empenhamento nas reuniões da A.E.P., bem como as sugestões ali mencionadas.

Iremos lutar, com a ajuda de Deus, para que a família pastoral cumpra o requisito da oração de Jesus em S. João 17:21: “... que eles sejam um, como Nós somos um.”



Entrevista a Raoul Dederen

Aproveitando a estadia entre nós do Dr. Raoul Dederen, quisemos ouvi-lo sobre aquilo que tem sido o seu trabalho e as suas pesquisas.

Eduardo Graça: Antes de mais, quem é Raoul Dederen; o homem e o teólogo.

Raoul Dederen: Nasci na Bélgica, numa família católica. Baptizei-me na Igreja Adventista pouco antes dos 20 anos. Algum tempo depois fui para Collonges para fazer a minha formação pastoral, onde estive dois anos. Esta não era a carreira que os meus pais desejavam para mim. Mas em 1947 entrei para o ministério na Bélgica e trabalhei durante 7 anos em Bruxelas, Liège e Verviers. Com base na experiência, particularmente a de Liège, nos últimos 5 anos, voltei a Collonges, mas agora como professor. Aí estive 10 anos.

Entretanto, fiz um doutoramento na Universidade de Genebra.

Em 1964, a Conferência Geral convidou-me para ir à Faculdade de Teologia da Universidade de Andrews nos E.U. por 1 ou 2 anos como professor de teologia. Para além da presença dos Dr. J. Zurcher e o Pastor Comiot, que ali tinham estado para ensinar francês, foi a primeira vez que um europeu foi convidado a ensinar Teologia naquela Universidade.

Esses dois anos estenderam-se até hoje.

Passei à reforma em 1991, mas continuei a ensinar a meio tempo e no restante a realizar pesquisas para a Conferência Geral.

A partir de Junho de 1998, parei definitivamente com a docência, continuando com a responsabilidade de acompanhar as teses de doutoramento, e a escrever alguns artigos para revistas.

A minha mulher é igualmente belga, sendo já a terceira geração de adventistas. Especializou-se como arquivista e durante o meu doutoramento foi de grande

importância a sua ajuda nas pesquisas necessárias.

Quando fomos para Andrews, foi convidada para desenvolver os arquivos da Universidade, e assim, a sua biblioteca veio a tornar-se um dos maiores centros de pesquisa adventista.

Reformou-se ao mesmo tempo que eu.

E.G.: Como teólogo qual é a sua especialização?

R.D.: Na Faculdade de Teologia de Andrews há cerca de 40 professores divididos por vários departamentos tais como, Antigo Testamento, Novo Testamento, História da Igreja, Missões, Teologia Prática e Teologia Sistemática. Foi neste último departamento que me integrei e que chefeiei durante 20 anos tendo por fim sido nomeado seu deão.

O objectivo da Teologia Sistemática é pegar numa doutrina isoladamente, verificar o seu fundamento tanto no Velho como no Novo Testamento e analisar seu desenvolvimento através da história do cristianismo e torná-la tão actual e contemporânea, quanto possível. Isto é, aplicá-la aos nossos dias.

Dentro dessa área, dediquei-me ao problema da revelação/inspiração (autoridade das Escrituras), a pessoa de Jesus e a doutrina da Igreja.

Também me dediquei ao estudo da teologia católica romana e do movimento ecuménico.

Ezequiel Quintino: Concorde com a ideia de que a autoridade das Escrituras é hoje mais atacada do que no passado?

R.D.: Sim. Sim. É evidente que sim. E até entre nós adventistas. Há cerca de 15 anos tivemos um problema sobre o modo da inspiração e da revelação E. White. Aliás este foi um mal generalizado que atacou as igrejas protestantes e até mesmo a igreja católica.

romana.

Sob a influência da “era da razão” e de algumas teorias desenvolvidas por teólogos protestantes contemporâneos, tais como, R. Bultmann em particular, mas também, num certo sentido, Karl Bart e Emil Brunner que acreditavam que as Escrituras não eram resultado de revelações que Deus tinha dado aos profetas, mas sim do impacto que Deus tinha causado na vida de determinado profeta, ou apóstolo.

A infalibilidade da Bíblia foi fortemente atacada. E como vivemos num mundo real que nos cerca, somos influenciados por tudo isto.

Aliás o desafio à autoridade manifestou-se não só no domínio religioso, mas também no político, social, económico, filosófico. É como se a autoridade tivesse um peso que o homem e a mulher contemporâneos não querem aceitar.

Como Igreja Adventista, temos também alguns problemas na área da eclesiologia, (área da teologia que se ocupa da origem, objectivos e funcionamento da igreja) pelo facto de sermos uma igreja mundial.

Nós somos a única Igreja protestante organizada a nível mundial.

As igrejas protestantes estão organizadas no máximo no plano nacional. Por exemplo:

A Igreja Reformada de França, A Igreja Luterana da Suécia, a Igreja Metodista da Argentina, mas não há uma Igreja Reformada Mundial. São igrejas nacionais ou étnicas. E embora colaborem umas com as outras, são independentes.

Organizadas mundialmente, apenas temos a Igreja Católica Romana e a Igreja Adventista. E isso põe alguns problemas relacionados com as línguas, as culturas, etc., que as outras igrejas não conhecem.



E.Q.: Veio a Portugal falar aos pastores sobre um assunto relacionado com a natureza de Jesus. Este assunto está intimamente ligado à história da Igreja cristã. Em que medida ele é importante para nós hoje?

R.D.: Como sabe, a questão da natureza de Cristo é uma questão que se coloca desde a origem do cristianismo. Foi o único grande problema que se pôs nos primeiros quatro séculos da igreja cristã. Foi ele que provocou debates, escritos, sínodos, e concílios para debater o assunto. Isto porque tem que ver com o fundamento do cristianismo bíblico.

Este, bem compreendido, não é realmente uma doutrina, mas sim uma pessoa. É importante verificar que Cristo não perguntou aos apóstolos o que pensavam acerca do que Ele ensinava, mas sim: “Quem dizem que Eu sou?”. A questão fundamental é o que pensamos de Jesus.

Não é assim com o islamismo, porque para um muçulmano não é o que pensa de Maomé que interessa, mas sim o que ele faz dos ensinamentos de Maomé. Se dá esmolas, se

observa o Ramadão, se vai a Meca. No cristianismo embora as doutrinas tenham grande importância, o mais importante é: que fazemos de Jesus de Nazaré? É Ele o Messias prometido? Será mais do que isso? É Ele Deus? Não é Deus? Terá o direito de ser adorado como adoramos o Pai? E ainda hoje estas questões se põem.

E.G.: Na Igreja Adventista também a compreensão da pessoa de Cristo evoluiu. Qual o percurso que a Igreja fez no entendimento deste assunto?

R.D.: É evidente que não somente a tendência, mas a maioria dos que na nossa Igreja escrevem sobre o assunto e que portanto exercem alguma influência sobre os

fiéis, consideram que Jesus Cristo não tinha tendência para o pecado. Mas não era esse o entendimento dos nossos pioneiros nos primeiros 30, 40 anos do nosso movimento. Nessa altura preocupavam-se com o Sábado, a Volta de Jesus e o Santuário celeste. Estes eram os sinais distintivos da mensagem adventista. Mais tarde juntou-se o problema da imortalidade condicional e o dom de profecia. Mas mesmo estes eram considerados de menor importância perante aqueles. Só mais tarde, quando a Igreja se organizou é que os interesses se diversificaram.

Por exemplo, a compreensão da natureza de Cristo é então que começa a mudar. A maior parte dos pioneiros acreditavam que Jesus tivera um princípio. De uma forma ou de outra fora gerado pelo Pai. Entre os que assim pensavam, estava Tiago White, Waggoner e Jones.

Apenas quando outros assuntos começaram a ganhar importância no nosso meio, é que as coisas começaram a mudar. No desenvolvimento normal da doutrina, Jesus começa a aparecer no centro de todas elas.

E.G.: E no mundo actual, fora da Igreja Adventista, qual é o pensamento, a compreensão do problema da cristologia?

R.D.: Diria que as Igrejas Católica Romana, Reformada Calvinista, Luterana, Anglicana e Metodista, professam o Credo dos apóstolos, o Credo do Concílio de Calcedónia, no qual se afirma que Jesus é plenamente Homem e plenamente Deus, que partilha a mesma substância que o Pai.

Agora até que ponto os crentes individualmente acreditam realmente nisso, isso é outro assunto.

Por exemplo, é extremamente difícil

fazer com que um católico romano compreenda que Cristo é homem e Deus, embora o professe. Mas a Sua humanidade é de tal maneira mergulhada na divindade que é como se Jesus caminhasse 30 cm. acima do chão. E é de tal maneira Deus, que é preferível ir a Maria porque ela é perfeitamente humana. Não se põe a junção das duas naturezas em Maria, José, ou qualquer dos santos, que são profundamente humanos e podem compreender-nos e assim podemos partilhar as nossas preocupações com eles e eles intercederão em nosso favor perante Cristo. E assim é fácil professar uma coisa e viver praticando outra.

Entre os protestantes os ensinamentos de Karl

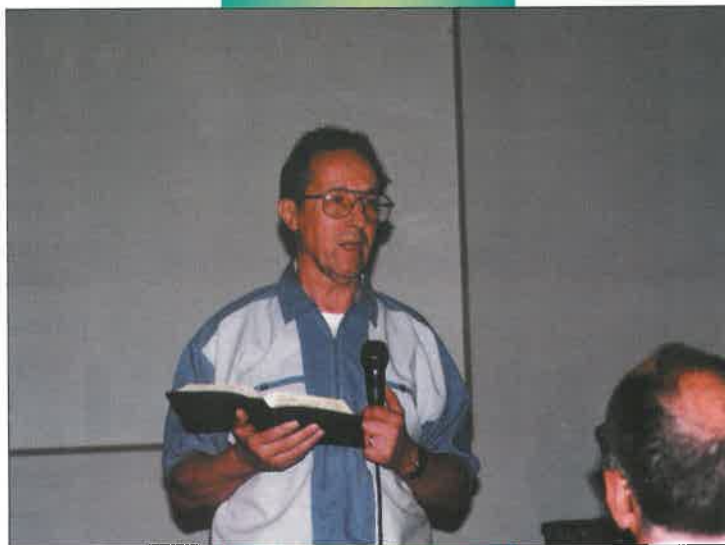
Barth dizem que Jesus é homem e Deus, que morreu no nosso lugar e que ressuscitou dos mortos. Agora a escola predominante de Bultmann considera que Jesus é Deus, mas não se sabe muito bem o que isso quer dizer. A encarnação é um mito, isto é, não sendo propriamente uma lenda, é uma forma de falar de um mistério cristão.

A generalidade dos discípulos de Bultmann

acreditam que Jesus morreu na cruz, mas que não ressuscitou dos mortos. É como se sentissem a necessidade de adaptar as doutrinas bíblicas à mentalidade moderna. Como se o mundo actual não tivesse capacidade para aceitar a revelação bíblica.

Hoje tudo é posto em jogo, visto que tudo é relativo. Até a verdade. O essencial é que acreditemos em Deus, em Cristo, e nos valores espirituais. Na verdade não resta grande coisa.

E.Q.: O retrato que faz do mundo é dramático porque se o homem de hoje não aceita uma verdade total, não pode aceitar a afirmação de Jesus. “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” porque tudo é relativo. Não é verdade?



R.D.: Mesmo para os que fazem profissão de aceitar Jesus, o que representa Jesus para eles?

Os católicos romanos não têm muito a ver com esta teologia da comunhão interior com Cristo. Entre eles, os que professam esse conceito são chamados “místicos”. Porque é a Igreja que transmite Cristo ao partilhar os sacramentos, particularmente a eucaristia. Aí recebem Cristo. Agora a experiência de andar com Cristo é algo de estranho. Há porém muitos católicos que são testemunhas reais de uma experiência vivida com Cristo.

Sabe, hoje é muito difícil colocar as pessoas e as denominações num campo, em oposição a outro. Porque hoje a convicção cristã transcende as denominações.

Alguns cristãos identificam-se mais com cristãos de outra Igreja, do que com os correligionários da mesma Igreja.

E.Q.: Acredita que essa espécie de individualismo nas convicções será um sinal dos tempos?

R.D.: As Escrituras encorajam uma compreensão individual da pessoa de Cristo. A verdade é que o Velho Testamento entende Israel como um corpo. E a Igreja cristã é o corpo de Cristo. Mas se há alguma coisa que a doutrina cristã desenvolveu, é que a salvação se processa numa base individual. E esta característica é constantemente sublinhada pelos sociólogos a respeito da Igreja Adventista. Eles atribuem o sucesso da nossa Igreja especialmente a duas coisas:

1ª - Os adventistas insistem muito na educação. Nos E.U. a confissão religiosa que proporcionalmente tem o maior número de jovens com formação universitária são os judeus. A segunda são os adventistas. Os sociólogos dizem que impulsionando a educação desenvolvem-se entre nós as profissões liberais e com elas a maior capacidade financeira para apoiar a Igreja e por isso ela avança.

2ª - A noção do valor humano. Os adventistas compreendem que são filhos de Deus, que têm imenso valor. Que Jesus voltará à Terra para salvar “aquela”

pessoa. E quando se compreende isto, cresce-se, acredita-se e tem-se segurança. Somos preciosos aos olhos de Deus, somos o templo do Espírito Santo, não somos de nós próprios, pertencemos ao Senhor.

Se juntarmos a isto a ênfase que pomos na educação, onde não poderemos chegar! Isto não é arrogância. É, se quiserem, o “orgulho” de ser cristão.

E.G.: Para terminar, que mensagem desejaria deixar aos crentes em Portugal?

R.D.: A coisa mais importante para um Adventista do Sétimo Dia, seja em Portugal, seja em Madagáscar, seja na América, ou em qualquer parte do mundo é que devemos ser um reflexo de Jesus. Partilharemos a

nossa mensagem com muito mais eficácia, se as pessoas vêem que ela nos transformou. Se observam em nós o resultado da mensagem que professamos, escutar-nos-ão. Caso contrário, ela não passa de uma teoria.

Por isso, para mim, hoje em dia o mais importante para um adventista é ser um cristão perfeito. Pertencer realmente a Cristo. E se isso acontecer, guardaremos os Seus mandamentos, praticaremos a reforma da saúde, não para sermos salvos, mas porque pertencemos a Cristo.

Procuremos ganhar as pessoas para Cristo. E quando isso acontecer, quererão saber o que Ele ensinou. ■

Por isso, para mim, hoje em dia o mais importante para um adventista é ser um cristão perfeito. Pertencer realmente a Cristo. E se isso acontecer, guardaremos os Seus mandamentos, praticaremos a reforma da saúde, não para sermos salvos, mas porque pertencemos a Cristo.

“Tenho muito povo nesta cidade!”

Não é fácil trabalhar num local onde existem apenas seis membros adventistas sem igreja. Sentia-me sem saber se teria capacidade para o fazer. Seria mais fácil se outros nos viessem ajudar, e, principalmente, se fossem jovens de outras igrejas, para desenvolverem um trabalho diferente mas cheio de entusiasmo e vontade de dar aos outros o que de melhor possuem – Jesus Cristo. O Dep. de Jovens concordou, a União também, mas eu não tinha a certeza se deveria avançar – a tarefa era demasiado pesada. Foi então que Jesus me lembrou estas palavras de Act. 18:9,10, “*Não temas, mas fala, e não te cales. Pois eu sou contigo, e ninguém lançará mão de ti para te fazer mal, porque tenho muito povo nesta cidade*”.

Creio que ninguém tem dúvidas da decisão tomada. Ao longo do ano, pouco a pouco, fomos construindo o Acantonamento de Evangelização, arranjando uma equipa que possuísse o mesmo espírito de submissão e vontade de trabalhar para Deus.

Cada momento com a equipa coordenadora era para nós a certeza que estávamos no bom caminho – Cristo haveria de nos abençoar, a tal ponto que relembraríamos este acantonamento durante muito tempo.

Mas se Cristo nos mostrou que em Guimarães existem muitas pessoas ávidas da verdade eterna, ao irmão José Esteves – vice coordenador deste acantonamento, Jesus também mostrou que deveria aceitar o desafio de dirigir os jovens, mesmo depois de muitos anos longe destes encontros. E disse-lhe: “*Tu, pois, ó filho do homem, prepara a bagagem de exílio... do teu lugar mudarás para outro lugar à vista deles*”.

Não havia dúvidas que Guimarães era o lugar escolhido

por Deus para a evangelização jovem. As pequenas dificuldades não foram poucas. Nos contactos com as autoridades, escola e diversas associações vimos sempre a mão de Deus a agir.

Até que chegou o Dia C – o da Chegada! Eram mais de noventa jovens, vindos de todos os pontos do país incluindo a ilha da Madeira, que enviou 7 jovens a participarem nesta grande actividade. Feitas as contas éramos perto de 120 pessoas contando com todos os elementos da equipa coordenadora.

Normalmente este tipo de acantonamento precisa de uma semana de preparação. Desta vez chegámos numa Quarta-feira e no Sábado tínhamos que estar na rua, já com tudo montado e a funcionar correctamente. Todos os dirigentes gritaram numa só voz:

Mãos ao trabalho oh Jovens!

Deus foi fantástico! Deu forças em quantidade suficiente para prepararmos os ateliers de Música, Fantoches, A.T.L., Mímica, Divulgação, Evangelização e Saúde. Não podemos esquecer do Projecto *Conta Comigo* que nos emprestou o material de saúde e fantoches; da Publicadora que nos forneceu todo o material de Saúde e Lar, Sinais dos Tempos e Nosso Amiguinho; do Grupo Génesis que nos

emprestou as roupas dos animais; da Liga contra o Cancro; da Abraço; da Fundação Portuguesa de Cardiologia, enfim, de todos os que directa ou indirectamente contribuíram para este evento.

E no Sábado, pelas 21h00 lá estavam os 120 jovens, cada um com a sua camisola, distribuídos pelos ateliers, montando o material que num dia e meio construíram, pro-



porcionando a todos os que passavam na praça de S. Tiago, um cantinho de esperança, cheio de vida, de cor, de movimento, de mensagem que continha a presença, a força, a alegria e o poder de Jesus.

As minhas palavras nunca mostrarão o que na realidade se passou durante 12 dias em Guimarães. Quem viveu este acantonamento, sabe bem do que falo e por certo, já testemunhou de viva voz.

Os dias foram passando. Sabíamos que às Terças, Quartas e Quintas-feiras a Câmara local iria projectar filmes na praça mesmo ao nosso lado. Tínhamos ordens para terminar o nosso trabalho às 22h00, ou seja, nestes três dias, que por sinal eram os últimos para o nosso trabalho de rua antes do concerto final, teríamos apenas uma hora para cantar e passarmos o programa infantil com a aparelhagem e o som existentes.

Orámos a Deus. Todos os jovens colocaram um desafio a Deus – “dá-nos Senhor a oportunidade de testemunhar de Ti, mesmo se do outro lado a Câmara vai mostrar um filme. Se possível enche a nossa praça”. Ah meus amigos, descobrimos que o poder da oração é muito forte – consegue derrubar barreiras. Se nas noites anteriores terminávamos o nosso programa às 23h30, nestes três últimos dias só conseguimos terminar muito depois da meia noite e era porque dizíamos às pessoas para voltarem no outro dia. Quem olhava de longe via um espectáculo divino – Cristo chamando, enviando adultos, jovens e crianças para participarem connosco.

No dia 22 de Agosto encerrámos o nosso programa com um Concerto. Vivemos ao longo dos dias com melodias muito bonitas e cheias de mensagem, que fomos preparando para apresentar no final. Para além dos 120 jovens a cantar, tivemos a presença do nosso querido Michel Gal, que ofereceu também 30 minutos de música tocada ao piano. Depois vieram os African Voices, que nos ajudaram a louvar o nome de Jesus.

Os resultados de todo este trabalho são verdadeiramente a certeza de que Deus tem muita gente nesta cidade com

vontade de conhecer Jesus. Temos neste momento 150 moradas de pessoas interessadas na verdade. Ao longo dos dias de trabalho em Guimarães todas as Rádios locais e imprensa regional fizeram a cobertura com

diversas entrevistas. Era ver a alegria estampada nos rostos dos jovens sempre que ouviam na Rádio o anúncio do nosso programa. Mas chegámos mais longe. No dia 18 de Agosto saiu uma reportagem no “Jornal de Notícias”, divulgando para todo o país o que estávamos a fazer em Guimarães.

Mas se todos se envolveram, e se todos deram o máximo foi porque Deus esteve connosco. É para Ele que vai o nosso Muito Obrigado.

Obrigado porque nos ajudou a encontrar um tema - *Sinais dos Tempos*- que diariamente estudávamos em conjunto sob a orientação dos Ptrs. Hortelinda Gal e Guerlyng Martins. Desta forma podíamos aprender para que à noite estivéssemos aptos a testemunhar de Jesus.

Muito haveria para contar, mas isso deixo para os 120 jovens que nas suas igrejas façam uso das experiências que viveram nestes 12 dias e contem as maravilhas que Deus nos ofereceu.

Obrigado a todos os participantes - sem a vossa presença este acantonamento não teria tido o brilho que teve. Obrigado pela equipa que Deus juntou e que sempre se entenderam, juntando à humildade, a vontade de aprender com os outros. Um obrigado muito especial à minha mulher que me deu a mão e ajudou a concretizar este sonho em que sempre acreditou.

Por certo iremos encontrar-nos na inauguração da igreja de Guimarães. Estamos a terminar as obras. Em breve anunciaremos o começo de uma nova etapa.

Que Cristo seja sempre louvado e que vivamos em conjunto mais acantonamentos de evangelização, na certeza de que Jesus pode fazer maravilhas com os jovens e com todos os que desejam servi-l’O. ■



Pr. Jorge Duarte
Pastor da Igreja de Guimarães.

Baptismos no Barlavento Algarvio

As igrejas de Portimão, Lagoa e Albufeira viram nascer 5 novos membros.

Certamente houve muita alegria no Céu, assim como também em cada igreja houve uma atmosfera celestial. A vontade do Senhor está a cumprir-se: "ide...ensinai,... baptizando-as..." (Mat.28:19).

Gostaria de mencionar sem qualquer destaque, todos os recém baptizados, salientando apenas o empenho e as lutas que travaram ao longo da instrução bíblica. Foram muitas horas que somadas são alguns meses de experiência com o Mestre Jesus Cristo. Creio que todos tiveram um encontro com Jesus, deixando que o Espírito Santo os transformasse. O agora irmão Kosta é de origem grega, educado na Igreja Ortodoxa Grega e quer viver cada dia com Cristo; também o irmão Carlos, que de quase ateu, veio a aceitar com a sua esposa Helena que, insistindo sempre, nunca perdeu a esperança de um dia ver o seu marido no mesmo caminho da salvação; igualmente a irmã Carolina que depois de ter estudado a Bíblia aceitou



Jesus; finalmente a irmã Madalena que já há muitos anos conhecia a Igreja Adventista, mas somente agora resolveu entregar o seu coração a Cristo.

Todos eles têm experiências maravilhosas para contar, mas o mais importante é terem aceite o Salvador Jesus.

Peço, ao terminar esta breve notícia, que orem por estes novos irmãos que, agora mais do que nunca, necessitam das nossas orações.

*António Rodrigues
Pastor das igrejas do Barlavento Algarvio*

Apagou-se uma luz em S. Mateus

A irmã Albina Ribeiro, pertencente à Igreja de S. Mateus, faleceu no passado dia 21 de Junho de 1998. Com 68 anos de idade e 28 anos como membro da Igreja

IGREJA EM ACÇÃO

Festa na Igreja do Fundão

Fomos informados de que a irmã Ulda visitaria a Igreja do Fundão e, por isso, deveríamos preparar um almoço a fim de confraternizarmos com esta querida irmã em Cristo.

Acompanhem-nos num breve relato da sua vida.

Decorria o ano de 1992 quando o irmão Armando Sousa colocou um pequeno anúncio no "Jornal do Fundão": "Dão-se estudos bíblicos gratuitos."

D. Ulda, licenciada e mestrada no seu país (Brasil) onde leccionava numa Faculdade, na sequência de graves problemas familiares veio viver para Portugal com o seu filho Carlos. Aqui a "sorte" não esteve a seu favor e, sem emprego e com as dificuldades financeiras inerentes, sendo crente (protestante já baptizada) e sempre desejosa de conhecer mais de Deus, achou interessante aquele anúncio e resolveu responder, tanto mais que era gratuito. Assim, começou o seu encontro com a Verdade revelada nas Escrituras. Conhecedora como é da História Universal, crente sincera como já era, o seu estudo foi apaixonante e o seu amor pelo Mestre aumentou. Verdades marcantes para ela são: a mortalidade da alma, a breve vinda de Jesus e a guarda do santo dia de Sábado. Todos os Sábados a irmã Judite Bizarro da Covilhã, zelosamente a trazia do Teixoso à igreja.

Mas, cerca de três anos depois, porque a sua vida não resultava aqui, regressou ao seu país onde retomou as suas

funções de professora, ao mesmo tempo que, como aluna, estudava Direito e continuava a estudar a Bíblia.

Pela graça de Deus, a irmã Ulda progrediu e este ano veio dar um passeio à Europa. E, como é evidente, não podia deixar de vir ao Fundão. Já seria muito bom a sua visita. Mas de repente surge a ideia do rebatismo e, para surpresa e alegria de todos nós esta cerimónia realizou-se no passado dia 11 de Julho, nesta igreja do Fundão.

Foi com grande emoção que a vimos descer às águas baptismas com o pastor Manuel Cordeiro, para demonstrar o seu amor e entrega a Jesus e ouvimos dos seus lábios o louvor e a gratidão a Deus através de oração, do canto e do relato da sua experiência.

Acreditamos que era necessário parar um pouco na sua vida, para ouvir a voz do Senhor. Da experiência amarga vivida durante algum tempo, resultou muita luz e alegria na certeza e no conforto no Senhor.

Deus seja louvado pelo Seu grande Amor (como diz a irmã Ulda).

*Maria Manuel Ribeiro
Secretária da Igreja do Fundão*



Adventista, esta senhora foi sempre considerada por todos como uma mulher dedicada nas suas responsabilidades de mãe esposa e filha de Deus.



Venceu com Cristo os muitos contratempos que a vida recebe por causa da maldade que existe. Mostrou, ao seu redor, que Jesus devia ser amado, respeitado e desejado. E perante as oportunidades para falar de Jesus soube sempre desfrutar com os outros a alegria de ser cristã.

Deixou este mundo para descansar até que Jesus volte. Em nós a saudade vai ocupando o seu lugar, pois a sua boa disposição e vontade de fazer os outros felizes jamais esqueceremos.

A Igreja de S. Mateus perdeu alguém muito especial. No entanto, estamos certos de que Deus ganhou mais uma alma e que no grande Dia da Libertação final, poderemos nos encontrar para juntos vivermos a eternidade.

A hora da morte nunca foi um momento de alegria nem de prazer. Porém, e atendendo ao facto de que muitos sofrem a dor e aflição, podemos dizer com Cristo: Felizes os mortos que desde agora descansam no Senhor. (Apoc.14:13)

Que Deus possa confortar a família da irmã Albina e que lhe dê forças para compreenderem que sem Cristo jamais herdaremos a Pátria celestial.

*Pr. Jorge Duarte
Pastor da Igreja de S. Mateus*

Notícias da Guarda

Certamente que não foram apenas os irmãos desta pequena igreja que se alegraram no Sábado 20 de Junho, mas também o nosso amado Senhor e os Seus anjos.

Nesse dia três jovens foram aceites no seio da igreja através do baptismo. Damos muitas graças a Deus pela decisão tomada por eles entregando as suas vidas a Jesus. Temos esperança que venham a ser fortes instrumentos nas mãos de Deus para saciar a fome de muitos. Oramos por estes jovens e por todos os que decidem dedicar as suas vidas à causa de Jesus Cristo.



O Vítor, o Filipe e o Marco estão ladeados pelo irmão Mendes e a sua esposa, irmã Rosa, responsáveis pela igreja da Guarda.

*A Secretária
Vera Amaral Ganhão*

IGREJA EM ACÇÃO

III Jogos do Ambiente

No dia 7 de Junho, cerca de 100 Tições e dirigentes vindos de vários pontos do país, rumaram à Curia, para participarem nos "III Jogos do Ambiente". Foi sem dúvida uma jornada de convívio, alegria e recreação realizada com o objectivo de sensibilizar para a defesa do mundo que Deus criou e do qual nos fez mordomos.

A manhã foi preenchida com jogos de água; mas por mais que fosse, nunca a água conseguiu apagar a "chama" de tão valentes Tições.

A tarde reservou a todos um percurso pela mata do Bussaco onde os participantes demonstraram os seus conhecimentos sobre ecologia.

No fim o Clube de Oliveira do Douro foi o que somou mais pontos. Mas os vencedores foram todos os clubes presentes: Aveiro, Canelas, Coimbra, Colégio Adventista de

Lisboa, Ermesinde, Espinho, Matosinhos, Oliveira do Douro, Tomar e V.N. Monsarros.

Um B-R-A-V-O para todos!

Jorge Branquinho

Acidente

Há algumas semanas a nossa irmã Fátima Carvalho Ribeiro, ao regressar da Pampilhosa da Serra para a Lousã, acompanhada da sua filhinha de 2 anos, a Rute, e após ter percorrido cerca de 15 Km, perdeu o controlo do seu carro, por causas desconhecidas, e teve um despiste que a atirou para o fundo de uma ravina junto à estrada.

Ambas, milagrosamente, escaparam ilesas de tal queda, e isso faz com que tenhamos motivos de sobra para agradecer Àquele que as socorreu naquele momento e as livrou de piores consequências, pois apenas o carro saiu danificado do acidente.

Refira-se que nesse dia regressava mais cedo do que é habitual para preparar, com a irmã Lígia, o programa especial dedicado às crianças da igreja.

Para a nossa irmã, seu marido e filhas, rogamos a bênção e protecção de Deus e alegramo-nos com eles pela forma como tudo isto decorreu.

*Celestino Carvalho
Relações Públicas e Comunicações da
Igreja de Serpins*



Jovem estudante adventista morre em acidente de aviação

Um jovem adventista de 19 anos natural da Califórnia nos E. Unidos, estava entre as 229 pessoas que perderam a vida no acidente de aviação da Swissair no passado dia 2 de Setembro.

Monte Gregory Wilkins era estudante na nossa escola de Walla Walla no Estado de Washington e estava a caminho de Collonges para estudar francês.

Odete Ferreira, directora do Adventist Colleges Abroad, departamento que coordena esse programa de intercâmbio entre as nossas escolas, expressou a sua tristeza e o choque com a morte deste jovem que, afirmou ser um excelente estudante e um dedicado cristão, expressando à família o apoio e amor cristãos numa hora tão difícil como esta.

Por sua vez, Maurice Verfaillie, director do departamento de Comunicações da Divisão Euro-Africana

falou deste acidente nos seguintes termos: “Quer os membros da Divisão, quer a direcção, funcionários administrativos e alunos da Universidade Adventista do Salève desejam que a família deste jovem saibam que todos se sentem tristes com esta perda. Uma vez mais, apenas a esperança oferecida pelo Evangelho de Jesus Cristo pode suavizar o desgosto dos seus corações.

Um outro jovem da Igreja Baptista que se encontrava igualmente envolvido no trabalho do evangelho, John Wilson de 22 anos pereceu no acidente. Também aos seus pais a Igreja Adventista expressou a sua simpatia, através do Director do Departamento de Comunicações da Conferência Geral.

Os Reis de Espanha convidaram três Pastores Adventistas a propósito do Prémio Cervantes

Recentemente por ocasião da entrega do prémio Cervantes, os Reis de Espanha deram uma recepção no Palácio real de Madrid. Para esta recepção foram convidados três pastores Adventistas: Carlos Puyol, secretário da Divisão Euro-africana que se deslocou propositadamente de Berna, na Suíça para saudar Suas Majestades os Reis de Espanha com quem conserva uma grata relação desde o tempo em que foi Presidente da União Espanhola; Juan Lozano, actual presidente da União, convidado habitual do Instituto Espanha e de outras recepções oficiais, e José Rodriguez director da Editorial Safeliz que acaba de publicar um livro dedicado à Rainha intitulado: “Sofia de Espanha, uma mulher”, da autoria da professora e amiga da Rainha, Maria Eugénia Rincón.

Agradecemos a Deus a consideração que as autoridades espanholas têm para com a nossa Igreja.

Um Pastor Adventista agraciado pelo Governo Espanhol

O Pastor Maurice Verfaillie, Secretário Geral da Associação Internacional para a Defesa da Liberdade Religiosa, recebeu das mãos do Secretário de Estado do Ministério da Justiça espanhol, a medalha da Ordem de Mérito Civil outorgada por Sua Majestade o Rei de Espanha, D. Juan Carlos I.

Quem deveria ter feito a entrega da condecoração, era a própria Ministra, Margarita Mariscal de Gante. Dada, porém a sua ausência no estrangeiro, foi substituída nesse acto pelo Secretário de Estado.

A cerimónia teve lugar na Sala de Conselho do Ministério, e estiveram presentes ao acto diversas individualidades quer do governo, quer da Embaixada belga, nação donde é natural o nosso irmão.

O Secretário de Estado, no discurso que fez, salientou o importante trabalho que a Igreja Adventista tem desenvolvido no domínio da defesa da Liberdade Religiosa e terminou falando dos méritos do homenageado, bem como da importância que tem a defesa da liberdade religiosa no contexto da sociedade democrática dos nossos dias.



Ricardo Bentancu

O medo da morte tira-nos a energia para viver.

O que é a esperança cristã?

“**H**á ocasiões em que a esperança adormece no fundo da alma, que, qual Lázaro, espera ouvir uma voz que lhe diga: Levanta-te e anda!” escreveu Gustavo Adolfo Becquer. E Paulo proclamava aos entristecidos cristãos como forma de consolo: “Não quero porém irmãos ... que vos entristeçais como os demais que não têm esperança” (I Tess. 4:13), enfatizando que o crente está melhor capacitado para enfrentar a morte. O que faz a diferença, é a esperança. Qual é a vantagem da esperança do crente? É que ela abre as portas do além, iluminando as insondáveis trevas da morte com a certeza da ressurreição e a existência de uma vida melhor. Entre as sombras do presente e a manhã iluminada pela esperança, instala-se o “ainda não” que abre espaço para a esperança. É durante esta espera, que se afirma a esperança cristã de fé que não desconhece a dura realidade (Romanos 8:23), mas que a entende como “provas” ⁽¹⁾ que ajudam no processo de amadurecimento. Assim, a esperança é uma “virtude”, que tem em Deus o seu autor e fonte. Fundamenta-se na fé e em Cristo (I Tim. 1:1; I S. João 3:3), que é chamado a “nossa esperança” (Col. 1:27). Apoiar-se nas Suas promessas, especialmente na da *parusia* ⁽²⁾ a qual é reconhecida como “a bem-aventurada esperança” (Tito 2:13).

A noção bíblica da esperança expressa-se através de vários termos, que compreendem um rico espectro de significados, que incluem diferentes conceitos e dimensões. Trata-se da espera confiada num bem futuro, que na sua forma mais profunda tem um carácter transcendente e escatológico. Não é o resultado da imaginação humana, mas de uma promessa ⁽³⁾ estabelecida na Palavra de Deus; assenta, portanto, na fé e na confiança na Providência. Envolve uma relação pessoal com o Todo-Poderoso que privilegia mais o Doador do que o dom. Nesse vínculo religioso desenvolve-se a índole da esperança, que implica coragem, fortaleza, paciência ⁽⁴⁾ e paz. A partir deste contexto, toda a crise se interpreta como uma possibilidade para a mudança, ⁽⁵⁾ experiência que sempre tem um carácter dramático, de tensão e confrontação com o desespero ⁽⁶⁾. É o conceito de que “apesar

de” a adversidade e o ataque do mal, “*todas as coisas contribuem para o bem*” (Rom. 8:28).

Em resumo, a esperança cristã é uma orientação que altera a perspectiva da vida, fundada num novo futuro que emerge do campo do impossível e do novo campo aberto pela fé. Centra-se precisamente na confiança de esperar em Deus, sem que isso iniba o esforço pessoal. Surge do dia a dia com todos os seus problemas e dramas, quando a tentação ao abatimento e à melancolia nos invadem, para despertar a consciência do divino e do nosso destino glorioso. É um acto de exercício da liberdade, que proporciona fortaleza moral, um espírito de desafio e coragem, e desenha um sentido de vida produtivo, movido pelo amor.

A Bem-aventurada esperança

Apresentamos o rosto da esperança bíblica, mas não analisamos os seus conteúdos, natureza e essência. É provavelmente Paulo quem a classifica da forma mais bonita, ao chamar-lhe “*Bem-aventurada*”, mas também quem a explica com maior clareza. Quando escreveu a Tito (65 d.C.), bispo de Creta, disse: “*Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens, ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, justa e piamente.*

Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo” (Tito 2:11-13). Trata-se pois de uma promessa da “*manifestação*” ou “*aparição*” (7), “*revelação*” (8) ou “*vinda*” (9) de Jesus Cristo a esta Terra pela “*segunda vez (...) aos que o esperam para salvação*” (Heb. 9:28)

Essa esperança foi anunciada pelo mesmo Jesus, quando, ao consolar os discípulos acobardados com o anúncio da Sua partida, lhes promete: “*Não se turbe o vosso coração. Credes em Deus crede também em Mim. Na casa de Meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim Eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E se Eu for e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também*” (João 14:1-3). A promessa da “*parusia*”, isto é, da “*vinda*” pessoal de Jesus, é o fundamento da esperança da comunidade de crentes e um dos temas continuamente mencionados nos escritos bíblicos. Por exemplo, por ocasião da ascensão de Jesus, lemos no livro de Actos dos Apóstolos, que estando os discípulos observando o acontecimento “*se puseram diante deles dois varões*

vestidos de branco os quais lhes disseram: Varões galileus. Porque estais olhando para o céu? Esse Jesus que dentre vós foi recebido em cima nos céus, há de vir assim como para o céu o vistes ir” (Actos 1:10,11).

O tema da esperança na segunda vinda de Cristo, ponto central da *escatologia* (10) bíblica, estrutura e determina a doutrina em geral; constitui o epicentro de toda teologia. Assim, por exemplo, esclarece a natureza e o estado dos mortos, desenvolvendo uma nova compreensão sobre o próprio homem. Nesse sentido, disse o apóstolo Paulo: “*Não quero porém irmãos que sejais ignorantes acerca dos que já dormem (...). Porque se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os*

tornará a trazer com ele. Dizemo-vos pois isto pela palavra do Senhor; que nós os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. Porque o mesmo Senhor descera do Céu com alarido e com voz de arcanjo e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares e assim estaremos sempre com o Senhor” (I Tess. 4:13,17). (11)

Por isso, os usos sociais, a liturgia os ritos, são reinterpretados à luz da “*parusia*”, adquirindo um sentido de promessa, bem profundo. Por exemplo os primeiros cristãos da comunidade nascente saudavam-se com a expressão

Maran atba “o Senhor vem”, como fórmula de ânimo para enfrentar as perseguições e a morte, transformada num cântico de vida. Com respeito aos ritos, Paulo explica: “*Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor na noite em que foi traído, tomou o pão, e tendo dado graças o partiu e disse: isto é o meu corpo que é partido por vós, fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue; fazei isto todas as vezes que beberdes, em memória de mim. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor até que venha*” (I Cor. 11:23-26). Por consequência, ao participar dos emblemas sagrados do banquete eucarístico, o cristão já não vive a nostalgia remanescente do sacrifício expiatório realizado, repetindo-o como homenagem e recordação, mas como um anúncio de redenção vindoura. Esses gestos da comunhão resgatam o passado da morte para a vida, fim de projectar o futuro cheio de esperança. “*Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor até que venha*” disse o apóstolo. O rit

*a certeza da
ressurreição e a
existência de
uma vida
melhor*

não fica limitado a uma espécie de arqueologia, ou a uma mera crónica da história; ultrapassa a profecia para abrir um futuro de promessa com a garantia do próprio Deus. A cruz é absorvida pela esperança. A tumba aberta naquela caverna da Palestina anuncia o dia em que os ferreos cadeados dos cemitérios se farão em pedaços e os seres retidos pela dureza da terra emergirão vitoriosos para a vida sem fim.

Será a esperança cristã uma utopia?

Poderíamos ser levados a perguntar se por acaso a esperança cristã na *parusia*

não é uma utopia. O estabelecimento de “*um novo Céu e uma nova Terra*” (Apoc. 21:1) será algo de realizável e possível? “*Esta esperança, tal como aparece no Novo Testamento será apenas uma parte do pensamento mitológico judaico?*

Tratar-se-á, dos primitivos cristãos simplesmente terem pegado em alguns elementos da sua época e do seu ambiente religioso do judaísmo apocalíptico?”

questiona o teólogo G. E. Ladd. Por exemplo, o teólogo católico F. Boff, seguindo Ernst Bloch, enfatizou a “primazia do elemento utópico” na crença na vinda do Reino de Deus para salientar os seus efeitos na acção de “regeneração” (Mat. 19:28) terrena que dá origem ao “princípio-esperança”, mas rejeitando o sentido da investigação transcendente de algo possível e real. Perguntamos, portanto: poderemos edificar sobre a base da escatologia cristã uma autêntica noção de esperança, ou esses conteúdos, no fundo, não passam de mitologia ou utopia?

Parece-me que a diferença mais clara entre estas noções, é a dimensão do possível. A utopia é, por definição, o reino da impossibilidade. Postula um ideal concebido como desejável, mas reconhecido como irrealizável. Constrói um espaço que está fora do território do real, quer presente, quer futuro. Ao contrário, a esperança é a convicção de algo possível e realizável, é a resposta à pergunta de Kant “*Que posso eu esperar?*”.

Podemos então realmente esperar a vinda de Cristo, a

ressurreição dos mortos e a restauração total desta Terra para construir um mundo novo e melhor? Por acaso essa convicção não é mais utopia do que esperança? Pode tal coisa ser possível?

É importante notar que das 32 vezes que a palavra “possível” (*dunatos*)⁽¹²⁾ aparece no Novo Testamento, 13⁽¹³⁾ vezes se refere ao “poder”⁽¹⁴⁾ de Deus (ou de Jesus Cristo) e à Sua capacidade de fazer “tudo”, especialmente em quem crê n’Ele (5 vezes)⁽¹⁵⁾. Várias vezes se repete nos Evangelhos: “*As coisas que são impossíveis aos homens são possíveis a Deus*” (Luc. 18:27)⁽¹⁶⁾. Mas insolita-

mente, a Bíblia chega ao ponto de deitar por terra todo o condicionalismo e abrir todo o horizonte humano, ao declarar: “*Se tu podes crer, tudo é possível ao que crê*”

(Marc. 9:23). Isto é, a categoria do possível, na revelação bíblica, aparece apoiada na fé. A única condição é “*crer*”.

Quando se pronuncia a palavra da fé, derrubam-se todas as fronteiras, aniquilam-se todos os impossíveis, não há sepultura que possa deter “*Tragada foi a morte na vitória. Onde está ó morte, o teu aguilhão? Onde está ó inferno (sepultura) a tua vitória?*” (I Cor. 15:54,55), exclama

Paulo triunfantemente. É a festa da alegria da vida vitoriosa, da libertação do poder do principal opressor do homem: a morte. Assim, a promessa que palpitava na festas rituais e sabáticas actualiza-se na nova dispensação da graça divina com a esperança do florescimento eterno.

Mas, por acaso, não são todos estes textos a mais clara demonstração de que estamos no universo da utopia? Não são estas as distantes constelações do inatingível? Isso é verdade para a utopia, mas não para a esperança. O pensamento utópico é uma construção abstracta da razão, subsidiária das leis da lógica. Conhece as suas limitações, sabe que está a avançar para além da realidade, através do país do inexistente, e está consciente de que não pode crer nas fantasias idealizadas pelo desejo onipotente, nem num Deus Todo Poderoso, que se nega a ser aprisionado



de” a adversidade e o ataque do mal, “todas as coisas contribuem para o bem” (Rom. 8:28).

Em resumo, a esperança cristã é uma orientação que altera a perspectiva da vida, fundada num novo futuro que emerge do campo do impossível e do novo campo aberto pela fé. Centra-se precisamente na confiança de esperar em Deus, sem que isso iniba o esforço pessoal. Surge do dia a dia com todos os seus problemas e dramatismos, quando a tentação ao abatimento e à melancolia nos invadem, para despertar a consciência do divino e do nosso destino glorioso. É um acto de exercício da liberdade, que proporciona fortaleza moral, um espírito de desafio e coragem, e desenha um sentido de vida produtivo, movido pelo amor.

A Bem-aventurada esperança

Apresentamos o rosto da esperança bíblica, mas não analisamos os seus conteúdos, natureza e essência. É provavelmente Paulo quem a classifica da forma mais bonita, ao chamar-lhe “Bem-aventurada”, mas também quem a explica com maior clareza. Quando escreveu a Tito (65 d.C.), bispo de Creta, disse: “Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens, ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos neste presente século sóbria, justa e piamente.

Aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo” (Tito 2:11-13). Trata-se pois de uma promessa da “manifestação” ou “aparição” (7), “revelação” (8) ou “vinda” (9) de Jesus Cristo a esta Terra pela “segunda vez (...) aos que o esperam para salvação” (Heb. 9:28)

Essa esperança foi anunciada pelo mesmo Jesus, quando, ao consolar os discípulos acoburnados com o anúncio da Sua partida, lhes promete: “Não se turbe o vosso coração. Credes em Deus crede também em Mim. Na casa de Meu Pai há muitas moradas. Se não fosse assim Eu vo-lo teria dito. Vou preparar-vos lugar. E se Eu for e vos preparar lugar, virei outra vez e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver estejais vós também” (João 14:1-3). A promessa da “parusia”, isto é, da “vinda” pessoal de Jesus, é o fundamento da esperança da comunidade de crentes e um dos temas continuamente mencionados nos escritos bíblicos. Por exemplo, por ocasião da ascensão de Jesus, lemos no livro de Actos dos Apóstolos, que estando os discípulos observando o acontecimento “se puseram diante deles dois varões

vestidos de branco os quais lhes disseram: Varões galileus. Porque estais olhando para o céu? Esse Jesus que dentre vós foi recebido em cima nos céus, há de vir assim como para o céu o vistes ir” (Actos 1:10,11).

O tema da esperança na segunda vinda de Cristo, ponto central da *escatologia* (10) bíblica, estrutura e determina a doutrina em geral, constitui o epicentro de toda a teologia. Assim, por exemplo, esclarece a natureza e o estado dos mortos, desenvolvendo uma nova compreensão sobre o próprio homem. Nesse sentido, disse o apóstolo Paulo: “Não quero porém irmãos que sejais ignorantes acerca dos que já dormem (...). Porque se cremos que Jesus morreu e ressuscitou, assim também aos que em Jesus dormem, Deus os tornará a trazer com ele. Dizemo-vos pois isto pela palavra do Senhor; que nós os que ficarmos vivos para a vinda do Senhor, não precederemos os que dormem. Porque o mesmo Senhor descerá do Céu com alarido e com voz de arcanjo e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro. Depois nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares e assim estaremos sempre com o Senhor” (I Tess. 4:13,17). (11)

Por isso, os usos sociais, a liturgia e os ritos, são reinterpretados à luz da “parusia”, adquirindo um sentido de promessa, bem profundo. Por exemplo, os primeiros cristãos da comunidade nascente saudavam-se com a expressão *Maran atha* “o Senhor vem”, como fórmula de ânimo para enfrentar as perseguições e a morte, transformada num cântico de vida. Com respeito aos ritos, Paulo explica: “Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei: que o Senhor na noite em que foi traído, tomou o pão, e tendo dado graças o partiu e disse: isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue; fazei isto todas as vezes que beberdes, em memória de mim. Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor até que venha” (I Cor. 11:23-26). Por consequência, ao participar dos emblemas sagrados do banquete eucarístico, o cristão já não vive a nostalgia remanescente do sacrifício expiatório realizado, repetindo-o como homenagem e recordação, mas como um anúncio de redenção vindoura. Esses gestos da comunhão resgatam o passado da morte para a vida, a fim de projectar o futuro cheio de esperança. “Todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice, anunciais a morte do Senhor até que venha” disse o apóstolo. O rito

a certeza da ressurreição e a existência de uma vida melhor

E Assim Foi a EXPO



Aconteceu em Portugal que a iniciativa da ONU coincidiu, pela primeira vez, com o tema de uma exposição mundial. Por proposta portuguesa junto da UNESCO, a ONU declarou “1998 – Ano Internacional dos Oceanos” e o tema da Exposição Mundial de Lisboa foi “Os Oceanos, um Património para o Futuro”. Isto fez com que de Maio a Setembro, Portugal fosse palco de convergência de povos e culturas. Porquê e para quê?

A ideia inicial em 1989 foi dar um carácter festivo universal à comemoração do quinto centenário da viagem marítima de Vasco da Gama até à Índia, a qual mudou o mundo na geografia dos encontros, na comunicação entre os povos e na economia das nações. À primeira ideia juntou-se a da realização de uma exposição internacional especializada, temática, que destacaria os oceanos relacionando-os com a arte, a ciência, a tecnologia e a política. Então, os conceitos foram sintetizados no tema oficial, (acima referido) da última exposição mundial temática, do século e do milénio.

O objectivo estava bem definido, propor uma nova ética nas relações do homem com o meio ambiente. Posto de outro modo, a noção de património deveria ser compreendida sob dois aspectos. Por um lado, tratava-se de aproveitar e valorizar os bens físicos e culturais oferecidos pelos oceanos; e por outro, ao mesmo tempo, agir com a ideia de protecção, conservação e responsabilidade face às futuras gerações.

Foi por isso que Lisboa refloresceu e se enfeitou para abrir ao público as portas da EXPO'98 a 22 de Maio, no dia exacto em que, 500 anos antes, Vasco da Gama tinha fundeado a armada portuguesa em

Calecute, na costa ocidental da península do Índustão. Num processo de partilha de conhecimentos, artes e engenhos deu-se corpo às ideias e conceitos na tentativa altruísta de sensibilizar a galvanizar a opinião pública mundial, para o desafio urgente e necessário de “*preservar o planeta, de salvar a esperança*”, como afirma, no Guia Oficial da Expo, António Guterres, Primeiro-Ministro de Portugal.

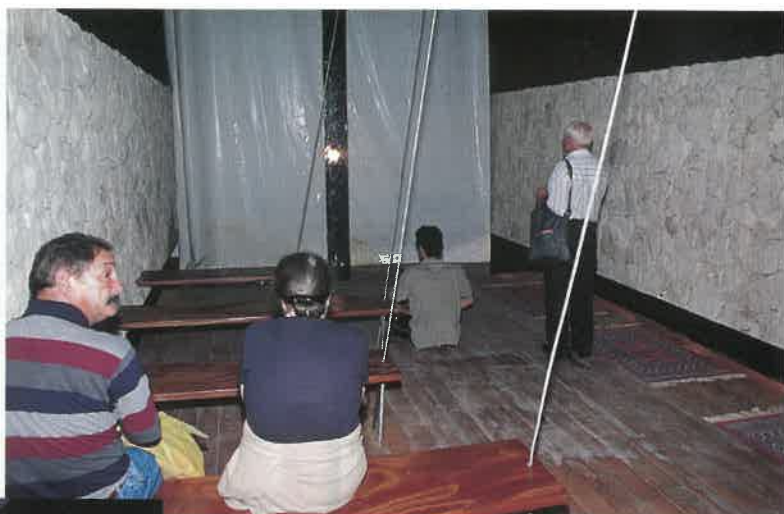
Em quatro meses e meio, mais de doze milhões de pessoas (se forem incluídas as crianças e os colaboradores acreditados) tiveram a oportunidade de visitar as duas centenas de pavilhões e áreas temáticas que abrigaram os 158 países e as organizações internacionais e nacionais, que constituíram um recorde de participantes.

A Expo de Lisboa reuniu o que de mais avançado o homem conseguiu alcançar ao nível da estética e do tecnológico num mundo em constante movimento e transformação. Neste ambiente profundamente humanista, o ser humano poderia, porventura, sentir-se empolgado e orgulhoso com a obra realizada e cair na tentação idêntica à de um monarca do século sexto antes de Cristo que, em circunstâncias semelhantes de espanto e orgulho perante as magníficas construções da sua cidade exclamou: “*Não é esta a grande Babilónia que eu edifiquei para a casa real, com o meu grandioso poder, e para glória da minha majestade?*” (Daniel 4:30)

O Espaço Inter-Religioso

Na tentativa de obviar a queda humana na tentação secularizante de Nabucodonosor, seis confissões

religiosas, das mais representativas em Portugal, tomaram uma iniciativa conjunta para afirmar que existe outra dimensão de vida, além da física, mental e social, que é imprescindível e determinante para a excelência da qualidade da existência nesta Terra – a dimensão “do espiritual” – a que está ligada “o divino” e “a fé”. Era pois importante que estivesse presente na Expo o testemunho da excelência do espiritual e da realidade da existência de Deus entre o fascínio “do material”, até para o sublimizar e universalizar.



Este propósito levou a Igreja Católica em Portugal, a Aliança Evangélica Portuguesa, o Conselho Português das Igrejas Cristãs, a Igreja Ortodoxa Grega, a Fé Bahá'í de Portugal e a Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal a juntar esforços e recursos para gerir na Área Internacional Norte, um Espaço Inter-Religioso, numa expressão de tolerância e universalidade, centradas no divino e na fé. Dos milhões de visitantes que passaram pelo certame, mais de 200.000 entraram neste espaço que continha uma pequena área de informação, exposição e convívio

e outra, mais alargada, propícia ao silêncio, recolhimento e meditação.

Vinte e oito espectáculos da cariz espiritual foram apresentados ao público, em vários palcos ou no recinto da Expo, promovidos pela comissão coordenadora inter-religiosa. Pela Igreja Adventista participaram em quatro programas musicais o coro “Adventus” de Canelas, o grupo “Aliança”, o quarteto “Água Viva” de S. Mateus, o grupo “Origens” de Setúbal, os “African Voices” de Angola e vindo do Brasil, o coro do I.A.E.

Nos 132 dias de Expo, coube à Igreja Adventista organizar e dirigir 12 dias de informação e exposição no espaço Inter-Religioso. Este desafio e responsabilidade revelaram-se compensadores pela procura do público, pela agradável e encorajadora reacção das pessoas que nos viram e, não de menor valor, pelo prazer e alegria que proporcionou aos 20 jovens, irmãos e

irmãs que voluntariamente colaboraram nos dias determinados.

ALGUNS NÚMEROS:

DATA: 22 de MAIO A 30 de SETEMBRO de 1998

TEMA: OS OCEANOS, UM PATRIMÓNIO PARA O FUTURO.

PARTICIPANTES: CERCA DE 200 PAÍSES E ORGANIZAÇÕES INTERNACIONAIS
VISITANTES: 12 milhões

ESPAÇO INTER-RELIGIOSO

UMA EXPRESSÃO DE TOLERÂNCIA E UNIVERSALIDADE, CENTRADAS NO DIVINO E NA FÉ.

HORÁRIO: DAS 9:30 ÀS 20:00 HORAS.

PARTICIPANTES: 6 CONFISSÕES RELIGIOSAS.

VISITANTES: 200.000

IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

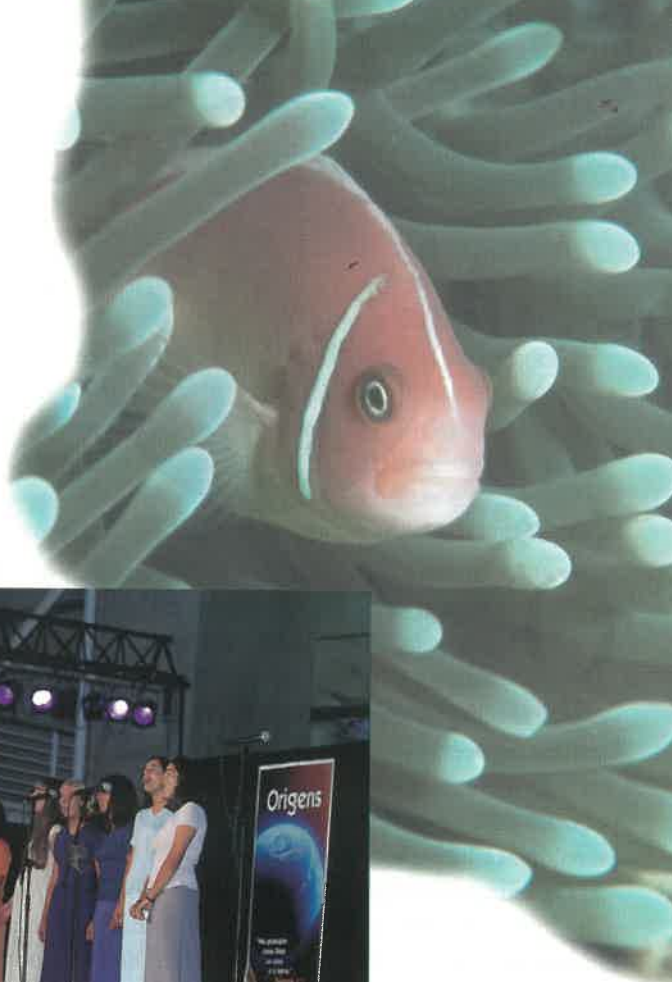
PRESEÇA: 12 dias

VISITANTES: 20.000

ESPECTÁCULOS: 4

LITERATURA: 100.000 TÍTULOS OFERECIDOS

VALOR DA LITERATURA: 4 milhões de escudos.



Porque o Povo do Advento se caracteriza pela Fé, Amor, Coragem e Esperança, tem uma postura inerente que se traduz em testemunhar. Por isso, às cerca de 20.000 pessoas que visitaram a área de informação e exposição durante os 12 dias de presença da Igreja Adventista, foram oferecidos mais de 100.000 títulos de literatura que incluíram folhetos de divulgação e impacto, como o “*Dossier de Imagens*”, marca-páginas, revistas “*Sinais dos Tempos*”, “*Nosso Amiguinho*”, “*Saúde e Lar*” e “*Revista Adventista*”. Também se ofereceram a quem os solicitava, centenas de livros, entre eles “*Os Adventistas do Sétimo Dia Crêem...*”, “*Desejado de Todas as Nações*”, “*Redimidos*”, “*O Grande Conflito*”, “*O Senhor Vem*”, “*Edificados Sobre a Rocha*” e “*Comandados à Distância*”. O valor da literatura distribuída gratuitamente ultrapassou os 4 milhões de escudos.



E assim foi a Expo...

Dos milhões de visitantes que percorreram aquele espaço, quantos teriam captado os conceitos e o apelo para um decisivo equilíbrio ecológico e global?

Das mais de 200.000 pessoas que visitaram o “*Espaço Inter-Religioso*”, quantas se sensibilizaram com a dimensão espiritual, o divino e a fé?

E que dizer daqueles 20.000 que viram, perguntaram, escutaram e leram acerca do Deus de Amor? Que imagem levaram eles dos Adventistas, das suas crenças, de como vivem e respondem às necessidades da

sociedade?

As respostas a estas e outras questões, só Deus pode dar. Só Deus sabe. Mas na eternidade conheceremos o alcance desta acção. Só havia esta oportunidade. O importante é que nós estivemos lá.

O louvor para Deus.

*Pr. Ezequiel Quintino
Coordenador da Igreja Adventista, para o Espaço Inter-Religioso da Expo'98*



Dr^a Kate Lindsay,

A Primeira Médica Adventista do Sétimo Dia

ERNESTO FERREIRA

O riunda de emigrantes saídos da Escócia, a Dr^a Kate Lindsay, pela firmeza das suas decisões, pela independência das suas atitudes, pela sua dedicação total a uma vida de serviço, mostrou-se sempre, até à medula dos ossos, uma legítima escocesa.

Veio ao mundo em 11 de Setembro de 1842, numa pequena casa de campo nas margens do Lago Manona, perto de Madison, Wisconsin, nos Estados Unidos.

Os seus pais trabalhavam no campo. Conta-se que quando ela era ainda bebé, enquanto Thomas e Katherine Lindsay estavam a cortar feno, a deixaram deitada sobre um cobertor debaixo de uma árvore, guardada por dois possantes cães. Passado algum tempo a mãe voltou para ver como estava a criança. Com apreensiva surpresa viu ali perto um lobo, que felizmente se distanciou à sua chegada.

Os anos foram passando, vindo Kate (Katherine) a ser a mais velha de oito filhos nascidos no lar. Na devida altura, começou a frequentar a escola, situada a alguns quilómetros de distância e que diariamente tinham de ser percorridos a pé.

Noite após noite, naquele primitivo lar de pioneiros, a mãe lia em voz alta livros e outra literatura que foi moldando o carácter dos filhos, sobretudo da audaciosa Kate. Durante a sua juventude sentiu-se profundamente impressionada pela biografia da enfermeira Florence Nightingale que, tendo renunciado à vida da alta sociedade britânica, consagrou a sua existência a tratar dos doentes, vindo a fundar a primeira escola de enfermagem digna desse nome. E, como Florence, decidiu, também ela, dedicar a sua vida aos doentes.

Torna-se Adventista do Sétimo Dia

Os pais eram fiéis presbiterianos, nunca faltando à Escola Dominical e ao culto de Domingo na sua igreja. Foi pois com desgosto que viram Kate, em plena juventude, no final de uma série de reuniões metodistas, tornar-se membro da Igreja Metodista. Mas ainda não foi o fim.

Passado algum tempo, apareceu um novo pregador e começou, por sua vez, uma série de reuniões no edifício da escola. Kate assistiu a essas reuniões e, sempre ávida da verdade, noite após noite comparava o conteúdo das palestras do Pastor Isaac Sanborn com o ensino das Escrituras. Finalmente, apesar dos protestos de sua família, Kate tornou-se um membro do pequeno grupo de Adventistas do Sétimo Dia daquele local.

É-nos grato registar que mais tarde toda a família aceitou a Mensagem.

Primeiros Passos como Enfermeira

Inspirada em Florence Nightingale e reagindo contra o descrédito de alguns hospitais conhecidos como lugares onde as enfermeiras não eram dignas desse nome e as pessoas entravam para morrer, Kate decidiu fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para melhorar a situação.

Havia na altura em New Jersey uma instituição de tratamentos naturais, dirigida por competente pessoal médico e de enfermagem. Embora com a oposição dos pais, e sem qualquer apoio financeiro devido a essa oposição, Kate ali permaneceu durante dois anos, estudando e adquirindo por experiência tudo o que conseguiu aprender acerca do cuidado dos doentes. Foi ali que veio a compreender que a verdadeira enfermeira devia ser “enfermeira do doente e não apenas enfermeira da doença”.

Curso de Medicina

Os dois anos de New Jersey despertaram em Kate um ardente desejo de uma melhor preparação para servir os doentes.

Em 1870, tinha Kate 28 anos, a Universidade de Michigan abriu pela primeira vez as portas a alunos do sexo feminino. Depois de um rigoroso exame de admissão em que não faltaram as provas de Matemática, Grego e Latim, Kate foi registada como aluna.

Em 1875 terminou o curso, com a mais alta classifi-

cação de todos os alunos da sua classe.

Estava agora preparada para começar uma notável carreira de serviço, que se prolongou até ao fim de sua vida.

A Primeira Médica Adventista do Sétimo Dia

A instituição médica adventista de Battle Creek tinha estado a dar os primeiros passos até que em 1876 cobrou novo alento com o Dr. John H. Kellogg como director e a Dr^a Kate Lindsay como médica do Conselho Directivo.

Ali se dedicou ela vigorosamente à criação da primeira Escola de Enfermagem Adventista.

Sob a sua direcção e ensino, essa escola tornou-se o modelo de uma vasta rede de escolas de enfermagem adventistas que ao longo dos anos foram surgindo por todo o mundo.

Kate Lindsay em África

Em 1897, em resposta a um apelo para apoiar a obra médica missionária em África, Kate Lindsay desembarcava em Cape Town, África do Sul. Ainda parente de David Livingstone por parte de sua avó materna, partira com todo o entusiasmo missionário para aquele continente, onde acabava de ser aberto o "Claremont Sanitarium" e em condições difíceis dava os primeiros passos a Missão de Solusi.

Aí deu o seu valioso contributo para o funcionamento em bases sólidas de um Curso de Preparação de Enfermeiras, fazendo em seguida uma curta visita à Missão de Solusi, onde as suas palestras sobre educação sanitária foram muito apreciadas.

Nessa viagem contemplou o horroroso espectáculo de esqueletos abandonados ao longo do caminho, pertencentes a vários doentes que por ali tinham perecido sem qualquer assistência. Conseguiu que um dos missionários recolhesse um desses esqueletos, que ela depois montou para o ensino das enfermeiras em Claremont.

Infelizmente, a sua estadia em África foi curta. Devido à Guerra dos Boers, então desencadeada, viu-se obrigada a pôr termo à sua obra missionária em África.

Tendo partido de Cape Town em Outubro de 1899 e depois de percorridos vários países da Europa, regressou finalmente aos Estados Unidos.

Activa Até ao Fim

Em 1901 fixou-se no Estado de Colorado, onde durante mais de vinte anos, como membro activo do corpo médico do "Boulder Sanitarium", consagrou particular

interesse à Escola de Enfermagem que ali funcionou sob a sua direcção.

Foi então que redigiu o célebre Compromisso da Enfermeira, que passou a ser adoptado em todo o mundo por centenas de enfermeiras adventistas. Eis os seus termos:

"Compreendendo a séria natureza dos deveres e o elevado carácter das responsabilidades da enfermeira profissional, e apreciando especialmente as solenes obrigações da enfermeira missionária, comprometo-me solenemente por este meio, com a ajuda de Deus, a cumprir fielmente os deveres da minha vocação, a olhar sagradamente para as suas obrigações e responsabilidades, a ensinar e praticar conscienciosamente os princípios que me foram ensinados pelos meus instrutores, a guardar inviolavelmente as confidências profissionais que me tenham sido confiadas por pessoas sob o meu cuidado, e a trabalhar fervorosa e verdadeiramente em favor do alívio do sofrimento e da miséria humana, e especialmente em favor dos mortais como eu que estejam necessitados de assistência, onde quer que o dever me chame a trabalhar."

...comprometo-me solenemente por este meio, com a ajuda de Deus, a cumprir fielmente os deveres da minha vocação...

A Alegria de Servir

Além dos seus múltiplos serviços como médica e professora, a Dr^a Kate Lindsay tinha particular prazer em contribuir financeiramente em favor da

Obra e de pessoas necessitadas.

Apenas alguns exemplos:

No hospital de Battle Creek havia permanentemente cinco camas ocupadas por pessoas dignas e necessitadas que recebiam gratuitamente alimentação, tratamento, operações cirúrgicas, assistência médica e de enfermagem. Durante o ano de 1891 todas as despesas relacionadas com essas cinco camas estiveram, em quantias iguais, a cargo de sete pessoas, entre as quais Ellen G. White e Kate Lindsay.

Quando visitou a Missão de Solusi em 1897, deixou ali uma oferta para a abertura de um poço e a construção de um moinho de vento.

Em Maio de 1901, escreveu o Dr. J. H. Kellogg a Ellen G. White: "A noite passada ela [Kate] fez-nos uma oferta de \$1,000 para o Colégio Missionário Médico."

A sua última oferta conhecida foi de \$2,000, para o lar das enfermeiras do "Boulder Sanitarium".

Perto dessa instituição adormeceu pacificamente em 2 de Abril de 1923.

É com prazer que a saudaremos na manhã da ressurreição. ■



Contar uma história tem como ponto de partida uma experiência ouvida ou lida, que depois de imaginada é traduzida em palavras que pintem um quadro tão vívido na mente das crianças que elas também sintam a história. Para que isto ocorra é necessário escolher bem as palavras de modo que lhes transmitam uma mensagem na linguagem infantil e ao nível do seu entendimento.

Por exemplo, as crianças do **Rol do Berço** (1 a 4 anos) têm o vocabulário muito limitado e entendem poucos conceitos. As histórias para elas devem referir-se a assuntos como a família, o alimento, o lar, os brinquedos, os bichinhos e a Bíblia. O seu período de concentração é pequeno, portanto as histórias devem ser breves, contendo palavras curtas, com gestos e frases bem claras, com ritmo, repetição e rima.

As crianças, nesta idade, gostam de palavras que as façam sentir, ver e ouvir o que está a acontecer. As palavras sensoriais devem fazê-las sentir o gosto da manteiga ou da geleia no pão; sentir o braço forte do pai ou o pêlo quente do gato. Use as palavras com gestos familiares à criança como saltar e correr.

Se a história menciona “andar devagar”, o contador da história deverá andar e falar devagar ajudando, assim, as crianças a desenvolverem a sua própria imagem mental.

Elas não entendem palavras referentes ao tempo e espaço, como “a semana passada” ou “a dez quilómetros daqui”. Essas descrições e detalhes, embora sejam interessantes para os adultos, não são entendidos pelos pequenos e torná-los-á irrequietos, desejosos de algo diferente para fazer.

Histórias Bíblicas que são especialmente apropriadas: Noé, o Bebê Moisés, o Bebê Jesus, os Anjos e os Pastores, etc. Evite o violento e o que meta medo.

Ao preparar uma história para bebés, pense: O que é nesta história a coisa mais importante para a criança? Construa a sua história em torno disso. Esqueça tudo o mais.

Já as crianças do **Jardim de Infância** (4 a 6 anos) conseguem concentrar-se numa história durante um período de tempo mais longo. Elas encontram-se na fase das perguntas, portanto o contador da história deverá respondê-las (com

palavras simples) na sequência natural da história.

As crianças nessa idade acreditam em tudo o que lhes dissermos. Portanto, cuide para que os factos sejam correctos e para que os *poucos detalhes* sejam na ordem dos acontecimentos. Uma história bem contada trará inserida a sua própria lição e dispensa um sermão enquanto é contada ou após o seu clímax.

Elas já mostram interesse pelos vizinhos e o que os outros pensam, dizem ou fazem. Ainda gostam dos assuntos familiares – coisas que dizem e fazem todos os dias.

Gostam também de ouvir sobre crianças de outras terras. Demonstram interesse pelos acessórios das diferentes profissões: o uniforme da enfermeira, o jipe do missionário, a pasta do médico, os óculos da professora, etc. Gostam muito das histórias da Natureza.

Histórias Bíblicas particularmente apreciadas incluem: o menino Samuel, o menino David, a Criação, o Éden, o menino Jesus, o Dilúvio, etc.

Lembre-se sempre de que não contamos histórias simplesmente para entreter. Elas são empregadas com o objectivo de ajudar as crianças a compreenderem melhor as lições e a lembrarem-se delas durante mais tempo.

Razões para Contar Histórias

1. Ajudam as crianças a compreender um determinado assunto da lição.
2. Ajudam a recordar a lição e tornam a aprendizagem um prazer.
3. Auxiliam as crianças a estabelecer normas e atitudes de comportamento para a vida.
4. Desenvolvem a imaginação e o sentimento de solidariedade para com os outros.
5. Conquistam o amor e a atenção dos alunos e ajudam na disciplina.
6. Podem levar as crianças à decisão de seguir a Jesus.

Adaptado de “*Como Formar Pequenos Cristãos*”, de Alice Lowe

Continua

Com Deus **UMA AMIZADE QUE RESULTA!**

Divisão das Igrejas por Zonas

Zona do Alentejo
Zona do Algarve
Zona de Aveiro
Zona da Beira Interior
Zona das Caldas da Rainha
Zona de Coimbra
Zona de Leiria
Zona de Lisboa
Zona do Minho
Zona do Ribatejo
Zona de Trás-os-Montes
Zona de Viseu
Zona dos Açores
Zona da Madeira

Notícias breves da Net'98

O programa está a ser transmitido para todo o mundo, através de 6 satélites.

Estão envolvidos directamente com o acontecimento 1500 voluntários de todas as idades.

Mais de 100 países, em todos os continentes, estão a transmitir as mensagens.

Uma das últimas línguas a juntar-se, foi o italiano. Já são mais de 40.

No continente africano, são 9 as línguas em que o programa é traduzido. Entre elas o zulu.

O poder do Evangelho permite que os tradutores sérvio e croata estejam sentados lado a lado a transmitir a mensagem, enquanto os povos para quem trabalham lutam entre si.

Na Inglaterra, mais de 13.000 pessoas, das quais 3.636 não adventistas, estiveram presentes na primeira noite.

Na Jugoslávia, Bósnia e Macedónia, em 40 Igrejas, estiveram 3.093 pessoas na noite de abetura.

Na Croácia, 1310 pessoas em 20 Igrejas ouviram atentamente a mensagem. Embora em Tula, a capital, a transmissão tivesse falhado, o pastor local pregou o mesmo tema que o pastor Dwight Nelson.

Na Macedónia uma estação de TV nacional está a transmitir a Net'98.

Em Portugal, das 43 Igrejas que estão a transmitir a Campanha em directo, apenas 25 enviaram o relatório referente ao primeiro fim de semana. E nessas estiveram presentes em média 1675 pessoas, das quais 513 não adventistas bem como 170 crianças.

Igrejas que transmitirão em Diferido

Comenda	Nisa
Elvas	Ponte de Sor
Évora	Portalegre
Moura	
Portimão	
Aveiro	Oliveira de Azeméis
Atalaia do Campo	Fundão
Castelo Branco	Guarda
Cadaval	Peniche
Caldas da Rainha	
Arganil	Coimbra
Santana	
Leiria	Vieira de Leiria
São Jorge	
Baixa da Banheira	Prior Velho (Sacavém)
Brandoa	Queluz
Odivelas	Vila Chã (Barreiro)
Póvoa de Santa Iria	
Arcos de Valdevez	Guimarães
Braga	Viana do Castelo
	Vizela
Abrantes	Santarém
Benavente	Salvaterra de Magos
Rio Maior	
São João da Ribeira	
Macedo de Cavaleiros	
Carregal do Sal	
Angra Horta	Lomba de S. Pedro
Fetais da Piedade	S. Roque do Pico
	Ponta Delgada
	Praia da Vitória
Caníço Funchal	Porto Santo

Em alguns lugares onde não se captam as emissões, há pessoas acompanhando o programa através da Internet, onde se podem ver e ouvir as mensagens. O endereço é www.net98.org.

Com Deus
**UMA AMIZADE
QUE RESULTA!**



com
Dwight Nelson

*A Caminho do
Próximo Milênio!*



met
9.8

Via Satélite conferências audiovisuais

difundidas para mais de 7 mil cidades em todo o mundo em 40 línguas
do "Pioneer's Memorial" Universidade de Andrews, USA

DE 10 DE OUTUBRO A 15 DE NOVEMBRO DE 1998

Confirme na
sua Igreja